

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - LICENCIATURA

*Caminhando em Porto Alegre encontrei um pé de Timbaúva:
Estórias sobre aprender com a floresta*



Rafaela Delacroix

PORTO ALEGRE

2015

Rafaela Delacroix Cury

**Caminhando em Porto Alegre encontrei um pé de Timbaúva:
Estórias sobre aprender com a floresta**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Ciências Biológicas – Licenciatura do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Heloísa Junqueira

Prof.^a Dra. Rosana Aparecida Fernandes

Porto Alegre

1º Semestre

2015

Quando a gente passa as férias viajando de moto, vê as coisas de um jeito completamente diferente. De carro a gente está sempre confinada, e como já estamos acostumados, nem notamos que tudo que vemos pela janela não passa de mais um programa de televisão. Sentimo-nos como um espectador, a paisagem fica passando monotonamente na tela, fora do nosso alcance.

Já na motocicleta, não há limites. Fica-se inteiramente em contato com a paisagem. A gente faz parte da cena, não fica mais só assistindo, e a sensação de estar presente é esmagadora. Aquele concreto zunindo a uns quinze centímetros da sola dos pés é real, é o chão onde se pisa, está bem ali, tão indistinto devido à velocidade que nem se pode fixar a vista nele; e, no entanto, para tocá-lo basta esticar o pé. A gente nunca se desliga daquilo que está acontecendo.

Chris e eu estamos viajando para Montana com um casal de amigos, que vão mais adiante. E pode ser que ainda cheguemos mais longe. Os planos são propositalmente vagos; queremos mais viajar do que chegar a algum destino. Afinal, estamos de férias. Preferimos vias secundárias. As melhores são as estradas pavimentadas municipais; depois, vêm as rodovias federais. As piores são as vias expressas. Queremos aproveitar o tempo, mas no momento concentramo-nos mais no “aproveitar” do que no “tempo”. Com essa mudança de ênfase muda também toda a perspectiva. As estradas sinuosas e íngremes são mais longas em termos de tempo, mas bem mais agradáveis de percorrer numa moto, onde a gente se inclina nas curvas, do que de carro, onde se é jogado de um lado para o outro dentro de um compartimento.

(Zen e a arte da manutenção de motocicletas, Robert M. Pirsig)

AGRADECIMENTOS

Gratidão pela alegria, pelos cheiros e sabores. Pela profundidade dos encontros. Pela leveza das tardes. Por abrirem a casa e confiarem. Família Timbaúva. Doutor Bugio, Capitão Pudim, Macaca Crespa, Bruxa Fefosa, Dra. Wolkmann. Sabiá, Doquinha e Gobá. Às crianças todas por vibrarem fogo, terra, água e ar. Às mães e pais por confiarem tanto.

Às grandes escolas de desformação acadêmica, por darem mais sentido aos caminhos. Família DAIB, bando PMU, aldeia GVC. Às grandes mestras e parceiras de empreitada, Cláudia Feijó e Dayse Rocha pela boa companhia nos caminhos anteriores. À família cósmica e sonhadora da casinha pelos sonhos e transcendências tantas. À Helô por todos os ensinamentos que já pude decifrar até agora, e pelos que ainda virão. À Russel e ao Sérgio Leite por me ensinarem sobre doçura e generosidade. Ao Lú Bedin, pela parceria confiante e transgressora. E pela expansão do horizonte. À Rosana por aceitar caminhar junto nessa jornada.

Gratidão incondicional à Lú por desde sempre me falar de outras educações. Por me contar histórias de escolas livres e de anarquia. Por confiar em mim e em minha potência. Ao Roberto por ter em si tanta firmeza e receptividade da terra. Pelo cuidado e carinho. À Bel por, assim de repente, tocar todos os sinos e me transportar à outra dimensão de vida, de amor, de educação e de libertação de mim mesma.

Ao Morro Santana, ao Lami, à Itapuã e ao Morro São Pedro por serem férteis de vida, de beleza e sentido. Aos bugios por tantas vezes cruzarem meus caminhos.

Gracias!

RESUMO

Dos caminhos anteriores, escola, trilha, exposição e oficina. Mas não importava o lugar, de quando em quando, a mesma pedra no caminho. Convencer, seduzir, falar e falar. Pouco escutar. Convencer de verdades, empurrar saberes. E aluno aprende se professor não ensina? E aluno deseja aprender o quê? O que é científico afinal? Perguntas mobilizadoras do caminhar. A cidade é grande. Mas não é toda caos. É urbana e é rural. A peregrinação se fez rumo ao Sul. Ao Morro São Pedro. No percurso, morros, florestas e praia. Alguns desvios e muitos encontros. Prosas e silêncios. Histórias se tecem e são inventadas. Desenha-se em palavras uma carta sobre outros territórios. Territórios subjetivos e pessoais. Existentes agora apenas na lembrança e no papel. Cartografia, fotografia, memória e invenção. Contação de histórias. Mudanças de paradigma. Ecologia profunda? Pedagogia Waldorf? No Morro São Pedro, encontros com crianças que vibram como o fogo. Timbaúva é espaço de integração e entrega. Espaço de brincar e criar. De descansar e correr. De aprender sem perceber. Sem disciplina e sem obrigação. Tempo e espaço de desejar e de não desejar. De motivação interna se manifestar. Coletivo de crianças. Tardes no verde. Experiências na floresta. Bergamota do pé. Fogueiras pelo chão. Lagostim na nascente. Subida do Morro. Colega mais velho. Colega mais novo. Meninos e meninas. Luta de corpo. Um grilo! Mas o que é aprender afinal? Como se ensina? Como se aprende? Despachito, sem pressão, perdendo tempo, a floresta também ensina. Afinal, se aprende o tempo todo. Antropocentrismo? Ecocentrismo? Ser humano ou animal? Ser humano é animal? Que diferença faz? Dança da vida. Teia da vida. Experiência profunda. Conexão com o todo. Espiritualidade. Experiência é sempre algo único e íntimo. Impossível de se repetir. O caminhar e o aprender são processos imprevisíveis. A peregrinação não finda nunca. Quem embarcar nessa jornada que faça próprio corpo do dito e do não dito, ressignifique cada estória e crie sua própria experiência.

PALAVRAS-CHAVE: Cartografia caminhante, Aprender, Educação Ecológica, Antroposofia.

SUMÁRIO

DOS CAMINHOS ANTERIORES	6
OBJETIVOS SUBJETIVOS.....	11
Queria o quê?	11
Que caminho seguir?	11
UM DESVIO: MORRO SANTANA	12
DA REDE DE PESCA	16
OUTRO DESVIO: PRAIA DE IPANEMA	19
NA ZONA RURAL.....	24
TIMBAÚVA.....	25
Primeiro encontro	28
No açude (ou Aprendendo sem pressão).....	33
Sobre meninos, meninas e lagostins.....	35
Na rede (ou Perdendo tempo)	39
Quando chove	41
No vale dos cogumelos (ou Colhendo signos).....	43
Tardes no ringue	47
NOITE NO VERDE (OU DEVANEIOS AO FOGO)	52
MOVIMENTO	57
REFERÊNCIAS.....	58
ANEXO	60

DOS CAMINHOS ANTERIORES

Dos primeiros passos, que me lembro, ainda na escola, Ensino Fundamental: “Bah! Tu explica tri bem, Rafa! Podia ser professora!” “Eu? Nem morta!”.

Passei no vestibular. Entrei pra Bio. Licenciatura? Nem pensar. Bacharelado! Mas de repente, em discussão calorosa e jovem sobre não me lembro o que, alguém diz: “Eu faço licenciatura porque vivemos num mundo em que é importante saber se comunicar! Numa sala de aula ou numa mesa de bar. Ou ficaremos com nossos conhecimentos presos em nós mesmos”. Escolhi a licenciatura e comecei a caminhar.

A primeira estrada foi lombã. Íngreme. A sala de aula era a mata. A casa era Museu Comunitário. A parceira na caminhada era historiadora. Subi com bonde andando e segui caminhando no compasso. Era líquem, arroio, figueira, butiá. E eu contando história de macaco bugio. História de semente. História de água da chuva. Da história improvisada, aprendi a oratória. Crescia a voz, carregava de emoção e atraía a atenção. Aprendi a encantar. Falava, falava, falava. Também perguntava, instigava, escutava. Aprendi com as crianças que todos sabiam alguma coisa. Que a figueira era namorada do butiazeiro e por isso viviam abraçados, agarrados um ao outro. Que o bugio comia banana mesmo. Aprendi que quem menos sabia na sala, era quem mais sabia na trilha. Aprendi com a historiadora-amiga que o meio ambiente é irmão siamês da história. Um se faz junto com o outro. Pra contar a história dos bugios da Lomba do Pinheiro, era preciso contar a história das famílias da Lomba do Pinheiro. Do museu com mata e trilha, fomos às escolas. E aprendi a transformar sala de aula em sala de mata. Enflorescer parede de tijolos, colorir quadro-negro, plantar muda de pitanga, araçá e araucária no chão de madeira. Foi lindo! Até que um dia me olhei no rio e me vi máquina. Repetindo história, repetindo pergunta, repetindo resposta. A palavra tinha ficado maior que a escuta. Eu sozinha era pouco pra encantar e ressignificar a bugiozada da mata no imaginário das crianças e das professoras. Aprendi que ação pontual é bem pontual. E que pra tecer teias e tramar relações firmes com o ambiente era preciso muitos fios, trançados dia-a-dia. Desci a lombã e fui procurar outras trilhas.

Encontrei uma trilha toda ladrilhada, com corrimão e horário de fluxo definido. Entrei no fluxo como co-pilota. Aprendi a rotina da escola. Aprendi os horários e as regras. Fui pro laboratório de ciências, pra sala de aula, pra sala de informática. Corrigi provas e

elaborei exercícios. Aprendi a planejar aulas e organizar tempos. Então procurei tempo nos tempos da escola pra ir pro pátio com alunos. Ver passarinho, coletar ramo de árvore, criar canteiros de chás, lidar com pá e enxada. Aprendi que criança-adolescente precisa movimentar o corpo e não só a mente. Achei espaços e tempos dentro dessa trilha limitada da escola pra semear o que eu acreditava. Achei espaços e tempos dentro de mim pra contribuir e aprender com o que o outro acreditava. Numa dessas, tentando acreditar e convencer sobre o caminho do outro, escutei de uma menina: “Mas pra que, sora? Pra eu aprender e passar de ano pra um dia poder ajudar minha filha a aprender pra passar de ano?”. Retruquei com toda a emoção e apelo: “Mas não é lindo??? São as plantas!!! Estão por tudo, na rua, no alimento (...)”. Não adiantou. O meu gostar não foi suficiente pra encantá-la. Ela não gostava. Preferia aula de história. Segui caminhando um tanto atordoada e esbarrei de cara num matacão de granito. Era o currículo bloqueando meu caminho. Não vi jeito de passar. O jeito foi pegar outro rumo.

Escapei por cima! Num pulo, agarrei o galho da figueira e segui pela copa das árvores até achar outra picada. Fui seguindo o ronco dum bugio que desemboquei em Itapuã. Desci da árvore para um banho no Guaíba. Revigorante! Quando sai da água, conheci uma bióloga da peste! E a sergipana logo me convidou pruma empreitada mato a dentro de novo! A trilhazinha que pegamos era de chão batido, simples e silenciosa. Me levou pra conhecer as escolas rurais e as crianças rurais. Quanta lindeza! Aprendi que meio ambiente era irmão também da sociologia. Que criança rural era diferente de criança urbana. Às vezes o caminho se parecia com a trilha do Museu, lá da Lomba do Pinheiro. Mas essa era minha, criação própria. Fui abrindo a trilha a facção, inventando caminhos, pausas e jogos. E foi trilha, foi palestra, foi escola, foi feira de escola. E foi beira de praia também! Mas era tudo pontual de novo. Chamávamos “oficinas de sensibilização”. Mas já não tinha mais certeza se se prestavam a tornar sensível ou a empurrar saberes acadêmicos sobre populações rurais. E de novo comecei a me ver maquinada. Repetindo, repetindo. Empurrando meus saberes e meus gostares de maneiras mais ou menos sedutoras. Mas sempre empurrando. E de novo não encontrava mais tempo pra escutar. Era mais falar. Aí me deparei com uma pedra no meio do caminho de novo. Entendi que no fundo, essa pedra tinha a mesma essência que a do currículo. Quem decide o que é importante e interessante é o adulto. Mesmo antes de conhecer a criança.

Dessa vez, achei logo uma quebrada pra direita e peguei rumo. A trilhazinha foi se abrindo e virou estrada de paralelepípedo. Passei pela Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes e cheguei à escola da Vila dos Pescadores. Nem pontual, nem diária. Lá os encontros eram semanais e as turmas agregavam diferentes séries e idades. Pela primeira vez fora do estágio docente, fui pilota sozinha com as turmas. Oficinas de “Iniciação Científica”. Dentro disso, era livre. Disso? Isso o quê? E pela primeira vez fiz uma pausa a me perguntar o que era a ciência.

Foi então que, caminhando pela praia de Itapuã, reencontrei Rubem Alves. Foi alegria! Sentamos na areia a ver pôr-do-sol no Guaíba e ele explicou. Desdobrou o papel, retirou as plicas. Depois dobrou de novo, fez barquinho e soltou na água. Me contou que ciência é como pescaria. O cientista é um tipo de pescador que sai de barco a navegar. E com uma rede bem trançada pesca os peixes. São muito bons esses peixes pescados pelos pescadores! Com peixe na mão, pode se fazer assado, frito ou ensopado. Com as escamas se faz bijuteria e com a cabeça, pirão. Pescador saiu da água e puxou a rede. Vi então que a tal rede é toda furada e só pesca peixes de um tamanho. Se for menor, passa da malha. Se for maior, nem se engata. Sabiá cantou no galho da figueira e Rubão me confessou, assim ao pé do ouvido, que pescador não entende nada de passarinho, nem de bugio e nem de nada que não possa ser pescado por sua rede (ALVES, 2003). Entendi que a rede-método nunca pega tudo o que existe, pois assim nem serviria pra pescar. Imagine só o peso: puxar a rede e pescar areia, água, plâncton e tudo o mais que nem olho pode ver. Mas quem escolhe a malha, não se engane, é o próprio pescador! Pescador-cientista escolhe as perguntas e trança a rede. A noite trouxe o vento do lago-rio e eu senti frio e desconforto. Me despedi de meu amigo e peguei rumo pra casa.

No caminhar ligeiro do ônibus, tudo passava muito rápido pela janela. Paisagens se transformavam e os sons mudavam. Voltei pensando no bonito que é tecer a própria rede e pescar o próprio peixe. Depois com ele se alimentar, nutrir corpo e espírito. É muito mais saboroso do que peixe comprado congelado no supermercado, que a gente nem sabe de onde veio tampouco conhece quem o pescou. Entendi! Isso deve ser a tal “Iniciação Científica”. Uma pescaria de caniço, simples. E depois preparamos um banquete e compartilhamos tudo! Na semana seguinte propus aos alunos uma coleta de bambu pra fazer nossos caniços científicos. Fizemos cadernetas de campo para anotações e desenhos.

Elaboramos perguntas para entrevistar os pescadores da colônia sobre os peixes do Guaíba. Com os menores, tecemos redes em conjunto. Construímos sementeira e semeamos. E fizemos registros passo-a-passo da construção do nosso método-rede. E no último dia fizemos pão e comemos nosso próprio pão!

Mas, de tudo o que mais fizemos nesse tempo todo à beira do Guaíba, foram vínculos. Foram abraços e olhares. Foram afetos, afetando-nos uns aos outros cada vez mais. Rompendo a frieza das relações escolares. Por vezes com carrancas, pois esses rompimentos nem sempre se dão com suavidade. Aprendi com essas quatro turmas que o que mais vale é a presença. Presente de verdade. Se falo de figueiras ou bugios, de composteiras ou de sementes, isso importa menos. Se nossa rede-método pesca peixes grandes ou pequenos, ou se mesmo todas as mudinhas da sementeira acabam por morrer de sede num feriado prolongado, isso não importa. As sementes que mais germinam são aquelas mais sutis, feitas de carinhos e reconhecimentos. Aprendi mais e mais que escola sem sorriso e sem olhar não tem sentido algum. Aprendi que aluno que não aprende na escola, é aluno que não é visto com atenção e cuidado.

A praia era ampla e nos dava bastante liberdade para criar nossas redes e pescas. Mas o tempo era curto pra tantos tão diversos. No tempo da escuta de um, outro se perdia. Pra não perder nenhum, era eu a seduzir o tempo todo. Aprendi que seduzir gasta muita energia. Amar todos, tão diferentes ao mesmo tempo. E desejar ser também amada por todos. Ao mesmo tempo. Pretender receber atenção unanime de um grupo tão rico e diverso por muito tempo. Desejar que todos esses muitos desejem o mesmo que eu. Se encantem com o mesmo que me encanta. E o que lhes encanta? Que peixes querem eles pescar? Ou nem peixes. Passarinhos. Minhocas. Cadê espaço e tempo pra não propor nada na escola? Esperar e calar. Deixar que rede se faça por desejo próprio. Cadê o tempo do desejo na escola?

Mas aí veio sementinha e começou a crescer dentro de mim. Exigiu também atenção e olhar. Meu poder de encantar os outros diminuiu. Minha energia disponível pros outros também. Barriga cresceu e pesou no caminhar em trilha de areia e água. Me despedi dos amores da praia e prometi visitas quando a barriga esvaziasse. Voltei pra escola de caminho ladrilhado, corrimão e muitas regras. E o currículo organizado. Muitos saberes em pouco tempo. Servi peixes comprados no mercado. Mas assei todos com amor e muitos

temperos. Algumas vezes assamos até juntos. Aprendemos a pescar bactérias no chão da sala e no pé chulé do adolescente. Inventamos microespaços de criação no caminho azulejado da escola. Aprendi a tornar currículo menos dolorido.

Aí veio a hora da pesquisa. Não queria nada disso. Não queria saber de sedução exagerada, de desejo de professor empurrado pra aluno. Tampouco de experimentos controlados, saberes-peixes enlatados, banhados em argumentos esterilizados, empurrados como delícias nutritivas e indispensáveis ao sucesso de todos. O que não queria já sabia. Mas queria o quê?

OBJETIVOS SUBJETIVOS

Queria o quê?

Desejava saber de desejo de aprendiz. De curiosidade e criação. Da alegria da descoberta. Da curiosidade do silêncio. Queria encontrar um tempo de professor calar e escutar. Um espaço onde quem encanta e seduz é a vida. Quem ensina é floresta. E não só palavra de educador. Aprender de pedra, de rio, de árvore, de bugio, de criança. Queria saber de aprender assim como respirar. Queria viver um espaço e um tempo de estar no mundo para conhecer o mundo.

Que caminho seguir?

Foi numa palestra com a pediatra que ouvi falar pela primeira vez de um espaço educativo a nascer na Zona Rural de Porto Alegre. Falavam sobre pedagogia, saúde, desenvolvimento infantil e importância do brincar livre. O projeto chamava “Tardes no Verde”. O lugar, “Timbaúva”. Me recordo bem de uma fala, mais ou menos assim: “A gente não tem uma atividade definida antes, as coisas se criam com as crianças. Um dia foi trilha na mata, no outro as crianças resolveram dar banho num dos nossos cachorros. Aí foi pegar cachorro, buscar mangueira, procurar sabão. E a tarde foi isso. E o cachorro ali, adorando o carinho da criançada”. Ali parei. Não definem a atividade antes? Banho em cachorro? Trilha na mata? Quis saber mais desse lugar Timbaúva. Descobri que ficava no Morro São Pedro. Floresta que conheci em outras caminhadas. Caminho lindo, exuberante. Floresta, bugio e cascata de água limpa e fresca. Timbaúva nasceu. Quis conhecer mais. Pensei em tudo o que se pode aprender num espaço livre para criar e brincar. E pensei em tudo o que se pode aprender só de se estar na floresta. Escolhi fazer caminho pra Timbaúva.

UM DESVIO: MORRO SANTANA

Iniciei a peregrinação. Do Bom Fim à Zona Rural há um longo percurso. Região central é turbulenta. E barulhenta. O excesso de informações que nos ataca no caminho, embaça a visão. Os prédios altos encurtam o horizonte. Não se vê muito bem o caminho a se seguir. Mas vai-se seguindo. Atalhei pelo Morro Santana. Atalho de alongamento. Desvio de rota. É o Morro mais alto do município. Tem 311m (ATLAS AMBIENTAL DE PORTO ALEGRE, p. 118). A entrada foi pela Av. Protásio Alves. Encosta Norte. Campo. Íngreme! Fui subindo. Devagar. Até que cruzei com um peregrino.

Figura 1: Morro Santana, encosta sul



por Rafaela Delacroix

Trazia ele poucas coisas: um chapéu, um cantil e uma pequena mochila nas costas. Eu já estava com a visão embaçada, cansada de tanto subir. Paramos pra descansar. Ele me ofereceu água. Chamava-se Fritjof. Era austríaco. Começamos a prostrar. Prosa e ar. Sentados em um pequeno afloramento de granito, visualizamos ao longe, lá embaixo, o centro da cidade, os prédios e a fumaça. O caos urbano. É brabo! Degradação ambiental, violência, doenças, recursos mal distribuídos e todo aquele pacote de reclamações corriqueiras. E a educação. Ah, a educação... Mas aí ele disse: “Em última análise, esses problemas precisam ser vistos, exatamente como diferentes facetas de uma única crise, que é, em grande medida, uma crise de percepção.” (CAPRA, 2002, p.23). Com a visão menos

embaçada, propus retomarmos a caminhada morro acima. Ele continuou. Disse que a única solução para esta grande crise é uma completa mudança em nossa visão de mundo. Uma mudança para uma visão de mundo sistêmica. Em teia. E que o desafio principal é a criação de ambientes socioculturais ‘sustentáveis’. Ele me contou que outro peregrino contou pra ele que precisamos *‘satisfazer nossas necessidades sem que isso reduza a possibilidade das gerações futuras também serem satisfeitas’* (BROWN, 1981 *apud*. CAPRA, 2002, p. 24). Esse peregrino amigo seu chamava Lester Brown e na década de 80 chamou isso de “sustentável”. Fiquei pensando nestas palavras. E fiquei em dúvida sobre o que significava ‘necessidade humana’ e ‘satisfação’ em uma sociedade de consumo. Aprender o mundo será também uma necessidade humana? E se mundo se destrói? Vamos aprender mundo em livros? Ou pior, se mundo se enfeia? Quem vai querer aprendê-lo? Quis escutar mais meu novo amigo.

Peregrino esse era bom prosa. Me contou histórias de cientistas e de átomos. De físicos quânticos e filósofos. Me contou da dor que foi descobrir o mundo quântico. Da crise intelectual e emocional que foi não conseguir aplicar as leis já consagradas da mecânica. Chegamos à altura da pedreira. Grande ferida aberta do Morro. Sentamos na beirada pra mais um descanso. Lá embaixo, uns 50 metros, imaginei. Silenciamos um tantinho. Depois a prosa seguiu. ‘Paradigma científico’ ele disse. Quem contou a ele foi outro amigo, Thomas Kuhn. Entendi que “Paradigma científico” é uma percepção de mundo, com valores e técnicas, que orienta a elaboração dos problemas científicos e suas respectivas respostas (KUHN, 1964 *apud* CAPRA, 2002). Tendo o paradigma, tem também a “mudança de paradigma”. O surgimento da física quântica, por exemplo, gerou uma ‘mudança de paradigma científico’ revolucionária que transbordou pra fora do âmbito da ciência, gerando também uma mudança de paradigma sociocultural. Daí que veio a crise de percepção. Um buraco de subjetividades que começou a crescer (CAPRA, 2002).

Seguimos a caminhar. Saímos do campo e adentramos a mata. A subida ficou mais suave. O clima, mais fresco. Ele seguiu com sua história. Junto com a física mecânica, outras verdades inabaláveis produzidas pela razão começaram a balançar ao vento de novas percepções de mundo. A metáfora entre seres vivos e máquinas, feitos de partes independentes e isoladas, que sobrevive até hoje, começou a não se mostrar mais tão forte. Da mesma forma, me disse ele, a naturalização de construções sociais como a desigualdade

de gêneros começou a ser percebida como algo menos “natural” também (CAPRA, 2002). Foi tempo de mulheres queimarem os primeiros sutiãs!

Sáímos da mata e voltamos ao campo. Visualizamos o topo do morro, onde um butiazeiro fazia sombra e nos esperava para mais um descanso. O novo paradigma que começava a nascer foi chamado por uns de “holístico” ele me disse. Holístico por ver o todo e as partes como um sistema integrado. Melhor então “ecológico”! Ecológico por ver além do todo e das partes, o que está fora do todo. Ecológico considerada também o contexto socioambiental (CAPRA, 2002). Ecologia tá na moda, disse eu. Já até cansei. Se embalagem é verde, chama ecológica. Se posto de gasolina tem tanque bem isolado, chama ecológico. Se condomínio derruba mata e aterra nascente, mas deixa um tantinho de pé, é ecológico. Não gosto de coisas “ecológicas”. Mas meu parceiro de prosa me para. Um urubu-de-cabeça-preta passa planando sobre nossas cabeças. Penso que essa “ecologia da moda” não deve gostar de urubu. Bicho feio. Come carniça, “lixo”, coisa que não presta mais. Não presta pra mim. Pra ele é banquete.

Figura 2: Do alto do morro



FONTE: arquivo do Diretório Acadêmico do Instituto de Biociências (DAIB/UFRGS)

Mas ele me para. Explica-me que isso é só *ecologia rasa*. Antropocêntrica. Que não vê *homo sapiens* como animal. Como bicho. Como parte da teia da vida. “Ser humano” não é ser natural. Natureza é recurso pra ser utilizado. Mas essa ecologia do paradigma que ele fala é outra. Quem viu a diferença e deu nome foi o norueguês Arne Naess na década de 70.

É *ecologia profunda*. É ecocêntrica. É sistêmica. E nela, ser humano é ser fio de teia (CAPRA, 2002). Chegamos! Butiá estava em cacho! Alegria! O solo pintado de laranja agradava formigas e passarinhos. Abraçada ao butiazeiro, uma figueira crescia e aumentava nossa sombra. Sentamos mais uma vez pra descansar. A vista lá de cima era linda! O centro da cidade aparecia lá ao fundo como um tapete acinzentado. Mas mais ao fundo ainda, podíamos ver agora o rio-lago. Nosso Guaíba! Encontro de águas. Junção de rios de diferentes pagos. A gigantesca área urbana agora parecia pequenina. Na linha do horizonte, as ilhas. Diversos universos. A cidade não é toda feiura. Nem é toda caos. Colhi butiás. Que delícia! Atrás de nós, um quero-quero gritou. Sim! Há vida vibrando no município de Porto Alegre! Me virei a ver o Sul. Mosaico de matas, campos e fragmentos urbanos. Ao fundo, bem ao fundo, no extremo-sul, o Morro São Pedro e o Lami. Lá é zona rural, não é cidade. De lá vem fruta, verdura, aipim, peixe... A cidade não é máquina. É corpo. É viva!

DA REDE DE PESCA

*Meu corpo, barca perdida
Entre canções despraiando
Passando no rio da vida
Vagando, sempre vagando
Peregrino dos caminhos
No rumo dos horizontes
Matando a sede da terra
Vivendo a sede de andar”*

(Noel Guarany, “Eu e o Rio”, 1977)

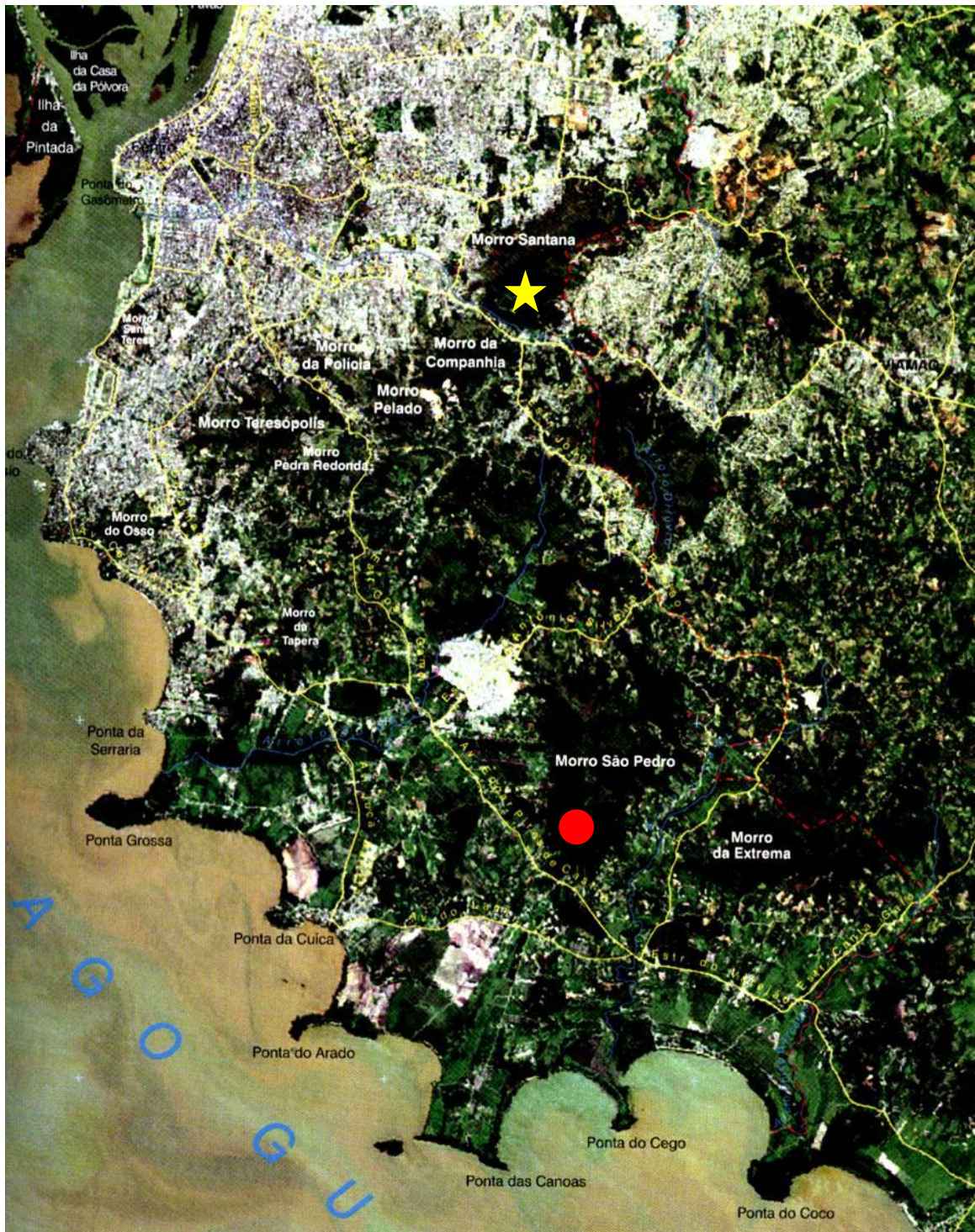
Segui caminhando *despacito*. Desci o Morro pela encosta sul. Mais fria e úmida. Por trilha na mata fechada. Não tinha facão nem canivete. Nem bota nem perneira. Nem mapa e nem GPS. Tinha máquina fotográfica. Lápis de cor e caderno. Fui parar na UFRGS sem saber como seguir. Morro São Pedro era distante. E o tempo era curto.

Fiquei perambulando até que de repente encontrei um ornitorrinco. Um ornitorrinco de óculos! Letrado. Mas ainda assim um ornitorrinco. Eu não estava habituada a língua de ornitorrinco, mas com algum esforço inicial conseguimos nos comunicar. Ele então me ofereceu um mapa. Não era um mapa da cidade. Era um mapa do tesouro. E tesouro era possibilidade de caminhar em meu ritmo, de criar minhas trilhas. De tecer minha própria rede de pesca. De peregrinar e desenhar as histórias dos encontros e caminhos percorridos.

Desenho pra mim uma cartografia peregrina. Uma carta das experiências vividas no caminhar. Dos encontros e caminhos que flutuam sobre o mapa da cidade. Que não cabem nos programas de geoprocessamento. Caminhos subjetivos, lugares reinventados. Pois se há paradigmas científicos, há também paradigmas metodológicos.

[...]a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida, Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo preciso, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’, nem ‘pré-dizer’”. (LARROSA, 2002, p.28)

Figura 3: Carta do município de Porto Alegre com a localização do Morro Santana (★) e de Timbaúva, no Morro São Pedro (●).



FORNE: ATLAS AMBIENTAL DE PORTO ALEGRE, 1998, p. x

Abro trilhas, sendas e estradas. A caminhada vale mais que a chegada. Vou à Timbaúva brincar nas Tardes no Verde. Com as crianças, uma tarde por semana. Com adultos, encontros ao acaso, sem hora marcada. Faço registros em fotografias de câmera

simples, mas especialmente em memória sensitiva. Sinto cheiros. Sinto sons. Sinto cores. Converso com adultos e com crianças. Com passarinhos e com bugios. Distorço o tempo pelas importâncias dos caminhos. E depois desenho tudo em palavras. Tudo que eu represento sobre eles. E sobre mim. Desenho só o que minha memória escolhe, o que meu corpo registra de importância. (E como ser diferente?). Sou eu em pesquisa. “Não saio de dentro de mim nem pra pescar”, como diria o velho Manoel (BARROS, 2013, p. 44). Sou parte do grupo de crianças, parte da trilha caminhada.

Sigo com o velho Manoel na mochila e ele me lembra que “Tudo que não invento é falso” (BARROS, 2013, p.43). Nestas histórias, não há fatos nem dados. Há somente criação. Quase tudo aqui são minhas distorções, fantasias e interpretações pessoais do vivido. Quem quiser saber de Timbaúva tal qual é, que vá até lá conhecer e produzir suas próprias fantasias. Pois não havendo fatos, há somente caminhos, processos. Histórias e estórias.

OUTRO DESVIO: PRAIA DE IPANEMA

Sigo meu caminhar rumo à Zona Rural. Do interior do município, repleto de morros, faço um desvio em direção ao poente. Alongo mais um pouco meu caminho. Chego à praia de Ipanema. O vento vindo do Guaíba me refresca e alegra. Paro num botequim qualquer pra descansar e contemplar a transição de luz e sombra do dia que finda.

Na mesa ao lado, um grupo de homens bebendo cerveja, conversa sobre filosofia e educação. Sento-me perto e escuto. “Toda psicologia e toda pedagogia partem de determinada cosmovisão, de um princípio definido - mesmo quando se nega a existência de tal fundamento” (LIEVEGOED, 2007, p. 9). Pois, se existem paradigmas científicos, existem também paradigmas pedagógicos! Intrometo-me na conversa e pergunto-lhe qual o paradigma que orienta a educação atualmente. Com certeza, não está distante do que orienta a Ciência. Ele me responde que tudo depende da meta que se quer atingir com a educação, da imagem de “ser humano” a que se pretende conduzir. Cada época cultural, segue ele, teve seu ideal pedagógico. Gregos tinham como ideal o ginasta, a harmonia do corpo e da mente. Já os romanos idealizavam “o *rhetor*, o orador capaz de convencer outras pessoas pela palavra e guia-las no Estado” (Op.cit., p. 9). A pedagogia hoje é orientada por alguns paradigmas dominantes há mais de século: “No fim da Idade Média surgiu o ideal do *doctor*, isto é, do homem que muito sabe. [...] A industrialização trouxe, como “ideal prático”, o operário especializado. [...] A visão materialista e individualista leva ao acúmulo de maior quantidade possível de saber” (Op.cit., p.10).

Daí uma educação escolar que tem como centro o saber e não o aprender, pensei eu. E a quantidade e a fragmentação como valores. Negligencia-se o processo de aprender, o caminho percorrido por cada um. Negligencia-se também o aprendizado holístico, a conexão entre os saberes fragmentados. Negligenciam-se as demais dimensões do ser humano, pois ser humano é somente ser racional. Daí o transbordamento do paradigma científico a um paradigma de visão de mundo. É na escola também que se perpetua a visão de mundo dominante. Pedi também uma cerveja artesanal.

Pois se há mudança de paradigma científico, há também mudança de paradigma educativo. O mesmo homem me contou então de amigo seu. Amigo seu que propôs mudança de paradigma educativo, científico e sociocultural no início do século XX também.

Esse amigo chamava-se Rudolf Steiner, disse ele, e elaborou o que chamou de uma “ciência espiritual”, a Antroposofia. A Antroposofia concebe o ser humano como participante de dois mundos: o mundo físico/material e o mundo divino/espiritual. O cerne mais íntimo da entidade humana manifesta-se como o “Eu” (espírito) pertencente ao mundo divino-espiritual. Do mundo físico-material, o corpo produz impulsões e paixões. E é na alma humana (psique) que se encontram os estímulos emitidos pelo corpo físico e pelo espírito (Eu) (Op.cit.). “Portanto, o homem é uma unidade ternária, composta de corpo, alma e espírito” (Op.cit. p. 12). Com certeza é uma concepção de ser humano bem diferente da metáfora da máquina, composta de diversas peças independentes, regida pela Ciência clássica e perpetuada pelos livros didáticos da 7ª série. A cerveja começava a esquentar meus pés e minha ideias. Imaginei um livro didático com um desenho esquemático de ser humano composto por corpo, alma e espírito...

E qual a implicação disso na educação? Perguntei. Ele respondeu: “Estamos convencidos de que só haverá seres humanos felizes, capacitados e inteligentes se a pedagogia levar em conta, desde o início, o desenvolvimento corporal, anímico e espiritual” (Op.cit., p. 12). E isso é apresentado no livro didático? É ensinado aos alunos? Um outro homem da mesa me olhou. Respondeu-me calmamente que nas escolas de orientação Antroposófica não há livros didáticos prontos. A fonte do conhecimento está centrada no professor que faz uso principalmente da sua voz, da palavra viva, carregada de sentido e sentimento e de obras escolhidas por ele, de preferência originais. Ao longo do ano, os alunos vão então criando seus próprios livros com resumos e desenhos no chamado “caderno de época” (CARLGREN; KLINGBORG, 2005). Outro homem complementou, respondendo a minha pergunta inicial: “A tarefa do professor não é tocar no “Eu” do aluno, mas contribuir para que o instrumento (do corpo e da alma) se forme de maneira que a individualidade (o espírito) possa nela algum dia agir com liberdade” (Op.cit, p. 83). As bases da Antroposofia servem para orientar o professor na educação dos alunos e de si mesmo, principalmente.

Os homens seguiram me contando sobre a ação do professor nas escolas Antroposóficas. A escolha dos temas e das fontes também não é predeterminada *a priori*. O professor precisa ter o olhar apurado para ler as necessidades e demandas dos alunos, e da turma como um todo, para com isto escolher aos temas e as abordagens apropriadas,

dentro do currículo proposto para cada ano. Por isso o professor acompanha a turma pelos nove anos do Ensino Fundamental nas “aulas principais”. Ele caminha junto com a turma e se transforma com ela. Desta forma criam um vínculo profundo que possibilita uma melhor leitura das necessidades do grupo. O professor além de ensinar os conteúdos curriculares, tem a função de perceber os temperamentos de cada aluno e os desequilíbrios, propondo situações que promovam a cura do indivíduo em seu corpo físico e anímico (alma) (Op.cit).

Quis saber sobre a origem dessas escolas. Os homens me contaram que ela foi criada por Rudolf Steiner e que a primeira escola teve início em 1919, em Stuttgart, Alemanha, no “Depósito de Tabaco” da Fábrica de Cigarros Waldorf-Astória, inicialmente para os operários da fábrica. Daí o nome que se consagrou nas escolas Antroposóficas. Logo os operários desejaram que seus filhos frequentassem tal escola. Steiner criou então um currículo que tinha como meta o desenvolvimento do ser humano em seus aspectos físicos e anímicos (alma). Enquanto criava a tal escola, ele dava palestras e aulas para formar professores para a escola e para difundir a Antroposofia pelo mundo. As escolas tinham e têm até hoje um currículo e organização bem diferentes e são de orientação cristã (Op.cit). As escolas Waldorf espalhadas pelo mundo hoje em geral são escolas associativas, geridas por um grupo de pais, mães e professores.

Já havia escurecido. Mas a prosa estava boa demais para ir embora. Desejava escutar ainda sobre como estas escolas se organizam e como são as aulas. As cervejas esquentavam nossas bochechas e o céu estrelado surgia embelezando a noite. Perguntei sobre o dia-a-dia da escola. Um deles falou: “tenta-se estruturar o dia escolar de acordo com o ritmo natural diário e não de acordo com as necessidades e comodidades do professor” (Op.cit, p.43). Carlgren me contou que as duas primeiras horas da manhã são destinadas à reflexão e representação mental na chamada “aula principal”. O ritmo também se faz dentro de cada aula, como o inspirar e o expirar. Esta aula inicia-se com um exercício rítmico de alguns minutos (flauta, canto, palmas ou batidas de pés) que desperta as crianças, une a turma e harmoniza para o início do ensino. Em seguida, ocorre uma repetição e síntese do que foi estudado no dia anterior e a continuação através de narrações, descrição de imagens, com sentimentos e empolgação. É o encantamento. Depois os alunos fazem um registro no caderno de época: resumos, descrições ou desenhos copiados do professor. A aula finda com a narrativa de uma história de mensagem moral: contos de fadas, lendas,

historias bíblicas, mitologia germânica, deuses gregos, heróis...dependendo da série da turma. Klingborg continuou contando que, após a “aula principal”, os alunos tem uma aula de repetição rítmica (língua estrangeira, eurtmia e educação física, música e religião, língua materna e matemática). A última aula da manhã é de trabalhos práticos e artísticos: trabalhos manuais (tricot, crochet, corte e costura, modelagem em argila, entalhe em madeira), artes aplicadas (construção de brinquedos ou utensílios que unam técnica e estética), jardinagem, experiências do campo das ciências naturais, etc. Este é o ritmo diário em uma escola Waldorf (Op.cit).

Os dois homens também contaram-me que o ritmo não é apenas dentro de cada aula e de cada dia. Ele se faz também nos ritmos maiores da vida, como a lua (mês) e as estações do ano. “Para desenvolver capacidades a partir dos conhecimentos, é tão importante recordar e reencontrar o que está submerso como é importante acordar depois do sono” (Op.cit, p. 45). Explicaram melhor. Entendi que, no processo de aprendizagem, tão importante como estudar um tema é esquecer deste tema por um período. Ao recordá-lo, o que foi significativo retorna com um grau de maturidade maior e o que não foi, pode tornar-se fácil após esta pausa. Esse esquecimento se dá tanto no intervalo de um dia para o outro, quando ele continuará sendo estudado, quanto num período de meses. Por conta disso, o ensino nas escolas Wardorf ocorre em épocas. Por cerca de 3 ou 4 semanas, nas aulas principais, um único campo é estudado. Nas séries iniciais, leitura e escrita, formas geométricas, natureza e estações do ano, aritmética, etc. Depois torna-se mais especializado: língua materna, conhecimentos gerais, geografia, zoologia e antropologia, botânica, mineralogia, física, química, poesia, aritmética e geometria (Op.cit). Carlgren fala que “Esse processo atua sobre a criança benéfica e disciplinadamente, em particular no âmago de uma civilização em que o excesso de estímulos e distrações desempenha papel tão preponderante.” (Op.cit, p. 45). Os dois parecem ter grande convicção que este processo aumenta a concentração dos alunos.

A noite avança e o botequim fica repleto de vozes e risadas. A lua é crescente e já se aproxima da água. Deve ser perto de meia noite já. Klingborg se anima com meu interesse pela escola. Puxa uma pasta grande de baixo da mesa e tira de dentro pinturas em aquarela. São simples e belíssimas! Cores vivas, misturam-se, numa fluidez de rio sereno. Ele me explica que todos os conteúdos das aulas principais são permeados por exercícios artísticos.

Pintura em aquarela, desenho, modelagem em argila, música, poesia, dramatizações teatrais. São exercícios de persistência que treinam o “querer”, a vontade. Dão vida ao aprendizado. A arte traz envolvimento do corpo e da alma. É espaço de criar! Os sentimentos são trabalhados: expectativa, desilusão, reflexão, surpresa, frustração, alegria. O exercício artístico contribui na formação de seres flexíveis diante da vida e interessados pelo mundo. Mensalmente, as obras são apresentadas às outras turmas e aos pais na Festa Mensal, que une a comunidade escolar (Op.cit).

Quis saber como eram as aulas de zoologia e botânica. Que abordagens eram feitas, que concepção de natureza permeava o ensino. Perguntei. Contaram-me que ao estudar Botânica, o solo, organismo vivo, a chuva e o sol também entravam na dança. A ênfase é dada aos aspectos gerais, relações ecológicas, agricultura, adubação, formações vegetais diferentes. Já para o estudo de Zoologia, há uma separação clara entre animais e seres humanos. Animais são especialistas e instintivos. Seres humanos são versáteis e pertencem também ao mundo espiritual. O homem se encontra “expandido por todo o reino animal” disse-me um deles (STEINER, apud CARLGREN; KLINGBORG, 2005, p. 123). O estudos dos animais é feito em comparação com o homem, como forma de autoconhecimento e construção da ideia de ser humano pretendida. Entendi que todo o estudo relaciona-se com a vida humana. Seja por utilidade ou por analogias. Isso me soou estranho. Me pareceu bem distante da ecologia profunda de que Capra me falou. Ser humano na Antroposofia não parece ser parte da teia da vida. Novo paradigma me pareceu lindo e vivo. Porém um tanto antropocêntrico e eurocêntrico.

A noite esfriou e a lua se pôs. Estava já tonta de tanta cerveja e tanta história. Agradei meus novos amigos e segui meu rumo. Era hora de conversar com meu travesseiro sobre tudo o que vivi naquela noite.

NA ZONA RURAL

*O pai morava no fim de um lugar.
Aqui é lacuna de gente – ele falou:
Só quase que tem bicho andorinha e árvore.
Quem aperta o botão do amanhecer é o arãquã.*

(BARROS, 2013)

Chego ao extremo sul de Porto Alegre. É onde a cidade ainda não é urbana. Continua rural, como quase toda já foi um dia. É mata, campo, banhado. É sítio, roça e pasto. E esconde quase 60% do território do município (Atlas Ambiental de Porto Alegre, p. 118) Hoje chamam-na “rururbana”, pois gera mais impostos.

Com uma importante produção rural de hortigranjeiros desenvolvida em áreas que se intercalam com vários núcleos de ocupação urbana, essa macrozona tem também importância pelo seu significativo patrimônio natural, cuja preservação complementa a vida da cidade como um todo. (Atlas Ambiental de Porto Alegre, 1998, p. 118)

Da “faixa preta” de asfalto vou caminhando até a Rua do Cerro. Delícia estar ali de novo! O som e o cheiro da zona rural. Na rua de chão batido, logo passa por mim uma charrete. Quase peço carona. Mas sigo caminhando. Mais tempo sozinha, devagar a apreciar a ruazinha. Algumas casas aconchegantes, um cavalo e muitas ovelhas. Correndo junto à rua, um riachinho de esgoto, por vezes encanado, em outras arejado. Quando as casas terminam, o clima esfria e a mata alta aparece, a ruazinha vira uma ladeira que sobe o morro, cada vez mais íngreme. Mas antes da subida engrossar, um carro encosta em mim oferecendo carona! É pediatra-mãe levando menino pra Timbaúva!

As primeiras visitas foram só de fazer vínculo. Mapear os espaços e tempos. Sentir o ritmo dos grupos e coletar autorização das mães (ANEXO) para a pesquisa. Dos dois dias por semana de Tardes no Verde, participei de apenas de um. O que o grupo é maior. Maior de quantidade. Maior de idade.

TIMBAÚVA

Enterolobium contortisiliquum

Família: FABACEAE

Árvore pioneira que cresce rápido. Pode ficar grande. Sua madeira é leve e branca. As folhas são caducas: no inverno, caem. E são também compostas, bipinadas e grandes, mas cheias de foliólulos pequeninos. As flores são delicadas e brancas. Parecem pequenos pompons nos ramos da árvore. As abelhas gostam! E os frutos! Os frutos são vistosos! Vagens negras e bem fechadas. Parecem até orelhas de macacos esquecidas na árvore.

Figura 3: Timbaúva na Rua do Cerro



por Rafaela Delacroix

Figura 4: A orelha



por Rafaela Delacroix

A timbaúva foi, e ainda é, uma das principais madeiras para a confecção de canoas de um tronco inteiro. É facilmente reconhecível por seus troncos curtos e largos, sua copa em forma de umbela (guarda-chuva) e especialmente, quando frutifica, por suas vagens em forma de 'orelhas negras' (BACKES; IRGANG, 2009).

Timbaúva é árvore boa de subir! De pendurar balanço pra criança brincar! De avistar bugio lanchando suas folhas! Timbaúva é espaço de integração! É sítio com bergamota e limão! É Mata Atlântica exuberante resistindo à urbanização!

Figura 5: Portal



por Rafaela Delacroix

Timbaúva é árvore pioneira que cresceu rápido e já faz sombra boa. A gestação foi longa e a primeira semente despontou há 3 anos. Germinou projeto “Tardes no Verde”. Criançada vai pra escola de manhã estudar. De tarde, vai pra Timbaúva brincar. São duas

Figura 6: Terreiro



por Rafaela Delacroix

tardes por semana. Quatro horas por dia. As crianças tem entre 3 e 11 anos. Todas juntas. É pra lá que eu vou. Programa não há. Nem lista de chamada, nem avaliação. Esse ano outras

sementes rebentaram. Nasceu “Orelha de Macaco”. Jardim de infância que acolhe crianças dos 2 aos 6 anos. De manhã, todos os dias. Logo em seguida despontou também a “Orelhinha de Macaco”, com os rebentos de menos de dois anos e suas mães-pais-avós-cuidadoras. Uma tarde a cada quinze dias, quando não chove.

Timbaúva fica na Zona Rural de Porto Alegre. Entre a Restinga e o Lami, no Lageado. Encosta noroeste do Morro São Pedro. Timbaúva não tem sala de aula. Tem escorregador, balanço, caixa de areia. Tem cantina e horta. Tem “redário” (lugar de redes) e pomar. Tem espaço pra correr e arvores pra subir. Tem trilhas na mata e cordas nos barrancos para escalar. Quando chove, tem também salão fechado e quentinho (que é também consultório pediátrico). No salão tem giz de cera, ferramentas e instrumentos musicais. Almofadas e sofás. Tem exposição de desenhos e prateleira pra guardar botas de borracha. E tem vigas do telhado muito boas de subir.

Figura 8: Salão das artes



por Rafaela Delacroix

Figura 7: Macacos no sótão



por Rafaela Delacroix

Com chuva ou com sol, Timbaúva têm no mínimo três adultos. Um é pai e foi professor em escola Waldorf. Outro é sabido de rochas, cantigas de roda e brincadeiras de criança. Outra é mãe e cozinha gostosuras toda a tarde. As crianças das Tardes no Verde, quase todas, moram na Zona Sul do município. Mas algumas moram no Extremo Sul. A maioria é aluno de manhã em escola Waldorf. E alguns de manhã estão no Orelha de Macaco. Timbaúva não é Waldorf. Timbaúva não é escola.

Primeiro encontro

A chegada foi acolhedora e alegre! As crianças se espalhavam pelo terreno, correndo, andando de balanço, de rede, pulando e brincando entre os canteiros ondulantes da horta. As mães se reuniam na cantina semiaberta, algumas almoçando, outras lavando e todas conversando. De homens, só dois: os educadores. Entre as pernas, o bebe mais novo, de um ano e 1 mês, se arrastava e brincava num cavalinho de madeira com a irmã de 2 anos e meio que o pegava no colo, colocava e tirava do cavalo repetidas vezes. As mães, ao me verem ali pela primeira vez, abraçavam-me e se apresentavam, todas. Uma até perguntou alguma coisa sobre eu ser aluna nova no projeto! Hahahaha! Gostei! Claro que sou! Esse clima de almoço em família com as crianças brincando no pátio, entrando e saindo da cantina, se seguiu por um bom tempo. As mães foram indo embora e as brincadeiras foram se transformando. De início, os meninos maiores (10 ou 11 anos) brincavam com cartas de jogos de pokemon, as meninas do meio (pelos 7 ou 9 anos) passeavam juntas inventando coisas pelo caminho e os menores transitavam entre os grupos ou mesmo fora deles.

“Eu aprendi a fazer fogo, sabia?”

Até que veio de um menino a primeira ideia agregadora! Pouco tempo depois ele já havia reunido folhas secas e galhos finos no entorno do contorno de pedra do ‘fogo sagrado’ ao lado da cantina. Soprava e soprava, tentando fazer brasa. Aí talvez o primeiro ensinamento intencional do dia: adulto-professor-educador-jardineiro soprou longa e constantemente os cabelos do menino para mostrar como é o sopro que alimenta o fogo. Menino aprendeu rápido e logo ensinou os outros que começavam a se aproximar. Não demorou muito chegou uma carrinho de mão cheio de folhas secas de *Pinus* trazido por uma menina, agora chamada “responsável pelas folhas”. A chuva de folhas sobre a fogueirinha foi tão forte que o “responsável pelo fogo”, aquele menino que começou a coisa toda, teve que se fazer ouvir e pedir pra ser devagar, senão abafava o fogo...Primeiro veio uma fumaça braba: “Não respira! É tóxica!”. Despacito, o foguinho se aquerenciou e foi crescendo, suave. Quando o movimento de uns tendia a ser desagregador, um dos educadores chamava pela atenção dos responsáveis pelo fogo e pelas folhas pra que zelassem por seus cargos. “Tudo o que tinha pra ser feito já foi feito. Agora é só deixar o fogo trabalhar” disse o responsável pelo fogo indo deitar-se na rede ao lado. Quando o fogo se estabeleceu, a brincadeira mudou: “Pula a fogueira ioiô! Pula a fogueira iaiá...” Um grande pulou, outro grande pulou

atrás, mais um e outro até que um não tão grande quis pular também. Adulto surgiu e abafou a brincadeira. Já era tempo de outra.

Entre facas e cabos de guerra

As laranjas e bergamotas começaram a amadurecer nos vários pés da Timbaúva. Quem alcança pega, quem não alcança pula, sobe na árvore, puxa galho, pede ajuda. Pros menores de 6 anos, adulto descasca. Os maiores tem suas próprias facas e canivetes de ponta arredondada. Não é simples! Uma mão segura a laranja, a outra a faca, um dedo na frente, cuidado pra não se cortar...com paciência e persistência elas vão se despindo e sendo saboreadas. Huum! Bem azedinha! Uma menina não consegue, tem medo de cortar o dedo. “Vai, confia!”, “apoia na pedra!”, “não desiste fácil!”. Confiança parece ser palavra chave em Timbaúva. Huum, laranjas!

Os meninos maiores já sabem cortar laranjas. O desafio proposto era o cabo de guerra, noutra canto do terreno, com o outro educador. Uma corda bem grande e uma linha no chão, a equipe que cruzar a linha primeiro perde. Meninos menores se juntam ao movimento dos grandes pra mostrar que também são fortes. Puxa, puxa, puxa! Eeeeeeh!!! E uma equipe jazia estatelada no chão. Um reclama: foi esmagado pelo outro no meio da guerra. As posições se alteram, os maiores ficam na ponta pra não caírem em cima dos menores. Vai! Vai! Vai! Ehhhhh!!! E mais uma equipe estatelada no chão! Depois só dois pequenos, um duelo. E a torcida calorosa na volta. De repente, o inusitado. Uma menina! E vem em socorro de um dos pequenos. Puxa! Puxa! Ganham! O desafio é pra ela agora. Ela contra um dos meninos. A torcida esquenta em cima dela! Vai! Vai!!! Ahhhhhhhhhh!!! Ganhou!

O rapa pra harmonizar

Além do fogo, outra atividade central das tardes é a trilha. São várias. Uma vai pro açude, outra sobe o morro, tem uma que leva pra roça do vizinho e outras tantas que nem se sabe se levam a algum lugar. Talvez seja o lugar que nos leve. Talvez a própria trilha seja o lugar. A escolhida praquela tarde estava sinalizada por uma plaquinha que dizia “local sagrado”. Antes de iniciar a caminhada, a harmonização. Uma roda. Quem entra na roda bate palma no ritmo da roda. Um menino subverte e inverte o tempo. Faz o contratempo! Adulto aproveita a deixa e divide o grupo em dois: um no tempo e outro no contratempo do

menino. Mais concentração. Pela primeira vez vi o grupo todo reunido. 18 crianças, 2 educadores. E eu. A menor tem dois anos e meio e é filha do professor. Os maiores são 2 ou 3 meninos com cerca de 10 anos. Entre os extremos tem de tudo, incontinuo e heterogêneo. Talvez uns 5 em idade pré-escolar. Os outros todos, ou quase todos, são da mesma escola Waldorf da zona sul. Então veio o canto complementar as palmas. Mestre Naná Vasconcelos que ensinou. O grupo se divide de novo. Uns fazem num tempo, outros em outro. Haja concentração! Quando cada grupo fica firme no seu tempo, os dois se juntam, virando um de novo. Tá feita a harmonização! Exercício de ritmo e concentração. Deve ser algo parecido com isso o início das aulas principais nas escolas Waldorf.

Os meninos grandes pouco se concentram. A subversão domina as ações. Uma. Duas. Três... os educadores tentam com olhares, chamam às vezes. Já terminando a harmonização musical, um deles se atravessa no meio da roda falando alto e... Pá! Cai estatelado no chão no meio da roda. Um rapa! “Uma rapa pra aterrar”. “Pra cair na real”. Menino estava voando, sempre longe. Precisava fazer raiz, aportar junto ao grupo. Eu paro de olhar. Olho pro lado, disfarço. Os outros todos da roda não desviam o foco. Menino começa a choramingar. Levanta brabo. O tombo não doeu no corpo, pois adulto deu rasteira e ao mesmo tempo segurou. Doeu no orgulho. Aterrar as vezes dói. Menino quase vai embora. Quase cospe na cara de educador. Mas fica. Engole. Na colada do rapa veio o acolhimento e a confiança. “Pronto! E Agora vamos pra trilha e nos dois vamos puxar”. E menino pega o facão e toma a frente do grupo puxando a trilha com pisada firme e atenção. Se cai, levanta. Segue na missão.

Lugar sagrado

O caminho é leve, curto. Eu vou no meio, os educadores vão fechando as pontas. Um campo de braquiária e a entrada na mata. O terreno é do vizinho. Parceiro do projeto, permite a entrada e o caminhar por tudo: roça, açude, matas...De mão comigo, segue devagarinho a caçula. Era pra ter ficado, mas quis vir. Veio. Não aceita colo, quer caminhar como os outros. Algumas crianças vão de botas de borracha. Outra com tênis de fazer trilha. Mas algumas seguem de pés descalços. Sentem as pedras e folhas. Sentem a terra. Fazem raízes na mata. Chegamos! O lugar parece sagrado mesmo. Uma *figueirona* abraça com força dois grandes matacões de granito. Uns 5 metros de altura. Quando chego uns meninos já estão lá em cima sentados na pedra. Uma roda de chegada agora. Há algumas semanas,

um grupo de pequenos descobriu ali um fio d'água correndo. Voltaram outro dia com as ferramentas: foice, pá, enxada, facão e faquinhas e muitas mãos, as mais importantes ferramentas. O trabalho era abrir um terreiro, um lugar de terra: tirar galhos secos, podar cipós, movimentar pedras, ampliar o campo de visão dentro da mata. E era também trabalhar a água! Liberar caminho pra ela correr, desentupir passagens e cavar pocinhos. Tudo isso já tinha sido começado. A proposta praquela tarde era seguir trabalhando nos pocinhos. “E tem lagostim também!”. “Aquele dia soltamos todos aqui ó!”. Me aproximei de um e perguntei o que era um lagostim. “Ele tem rabo de lagosta, garras de escorpião e antenas de borboleta! Não, não! De borboleta não! Daquele fiozinho que corta sabe?”. “E tem o adulto que é assim, o adolescente que é menorzinho e os bebes que são assim ó, bem pequeninhos!”. Entendi! Baita descrição anatômica, sem nomes complicados, com medidas de mão e referências conhecidas!

Enquanto uns tiravam pedras e faziam o caminho das águas, os meninos maiores entravam noutra brincadeira. Nos topos, subiam barrancos, exploravam caminhos e escalavam pedras. Então surgiu a segunda grande ideia agregadora da tarde: “De onde vem essa água, Vitor?”, “Tipo, ou ela vem de dentro da terra, dum buraquinho, ou ela veio lá de cima do morro...”. “Então, segue ela até onde tu conseguir!” Tchanam! E ela foi. Subiu as primeiras pedras que pingavam água e tudo estava fechado à frente. Cipós e galhos secos. Muitos. “Pessoal!!! Quem quiser descobrir de onde vem essa água pode vir comigo!”. Opa! Eu quero! Quando cheguei já tinham outros vários na empreitada! Quebra galho, abaixa, pula por cima, sobe nas pedras. “Ai! Essa árvore seca é cheia de espinhos!!! Cuidado!” Bem protegida atrás do emaranhado de espinhos e galhos, logo, logo estava uma pocinha. “Olha! Um lagostin!”. E era um adulto pelo jeito, facilmente identificável pelo descrição anterior que recebi. “Huum!!! A água é pura!” falava um com a cara na poça bebendo da fina lâmina d'água! Mas mais atrás um pouquinho, uma pedra verde de musgo guardava o tesouro caçado! Menina viu logo. “Achei! Achei!!!”. “Ali ó! Embaixo dessa pedra tem um buraquinho de onde sai a água!”. Foi descoberta a vertente!

Voltamos pro lugar sagrado e outras descobertas foram surgindo. Comecei a mexer no caminho da água. Tirei umas pedrinhas, um pouco de terra e fui aumentando o laguinho de lagostim. De repente a água fugiu! Entrou no buraco deixado por uma pedra que retirei e não voltou mais...descobri uma passagem secreta da água! Mas aí que foi: o fio d'água parou

de correr abaixo. Sequei o riacho. Menina viu. Não gostou! “Que que tu fez???” “Descobri uma passagem secreta!” tentei eu. Veio outro menino olhar. Propôs recolocar a pedra no buraco. Colocamos e rejuntamos com areia. O riacho voltou a correr! Ufa!

Ao lado, outra fogueira começava. Essa bem mais desafiadora. A umidade da mata não prendia fogo fácil. Vitor tentava também. As crianças excitadas em volta jogavam folhas úmidas. Nada de fogo... Olhei em volta e encontrei, mais acima no terreno, uma quantidade de taquarinha, bem fininha mesmo, e sequinha! Trouxe umas e convidei uns pra me ajudarem. Senti que eles não confiavam muito em mim ainda. Ainda mais depois de ter acabado de secar o riachinho...Olhares desconfiados. Um veio atrás. Mais outro e outro. Quebrávamos os galhinhos e alcançávamos pra quem estava mais abaixo levar pra fogueira. “Como é teu nome?”, “Quantos anos tu tem?”. A fogueira acendeu! Viva!

“Eu fiz um verso!”. Era a vez da poesia na mata! Pedra grande se fez palco e menina então subiu com as colegas. Declamaram em uníssono um verso que tinham aprendido na escola. “Agora minha vez!” E foi menino declamar o seu. Depois mais um e mais outros. Entendi que na escola, cada um tem o seu verso. Agora é improviso! Agora os educadores! Todos subiram no palco da mata à declamar para o seletor público. No finalzinho menino menor, que não era da escola, também quis declamar: “qui tem vovó? Pelanca só! Qui tem vovó? Pelanca só!”, transou ele um Caetano pra fechar a rodada.

Antes do retorno, mais uma brincadeira. Um escorregador radical! Do alto da barranca do que um dia deve ter sido um rio, os meninos grandes foram descer. Mas não tinha caminho. O caminho foi de bunda! Uau!!! Os outros gostaram e foram atrás. Logo as folhas e galhos foram varridas pelas bundas de cada um e a descida ficou lisinha, chamando outros e outras pra descerem também. Descida íngreme viu? Não me animei. Mas eles escorregavam com muita leveza. Corpo ágil, flexível. Descoberta de movimentos e possibilidades.

Na volta pra Timbaúva, outra roda de harmonização. As palmas. O canto. Os dois grupos. Um grupo só. Chegamos! Na cantina, chapati com mel ou pastinha de aipim. E suco de fruta. Fruta mesmo. No alto das árvores surgem os vizinhos da mata, visitantes ilustres, à fazer um lanchinho também. Dois ou três bugios atrás de coquinhos do jerivá! Era descanso e contemplação! Pra mim, pelo menos...

No açude (ou Aprendendo sem pressão)

Saio a caminhar sozinha por Timbaúva a pensar em todos os aprendizados feitos naquela tarde. Aprender a fazer fogueira, soprar o fogo, escolher a lenha. Aprender a subir em árvore, usar faca, descascar laranja. Aprender sobre nascente e lagostin. Sobre declamar e calar. Quem ensinou tudo isso? Foi ensino de faca, de água, de fogo, de amigo e professor. Foi adulto, foi criança, foi floresta.

Ultrapasso os limites de Timbaúva e chego a um enorme açude na propriedade vizinha. Dentro da água, dois homens. Ao lado deles uma pequena canoa de um troco só. Virada. Um deles dispara a nadar e logo sai da água. O outro fica. Tenta e tenta, mas suas braçadas não lhe tiram do lugar. Do lado de fora, o amigo já nervoso lhe manda instruções. Faz gestos, exemplifica movimentos de pernas e braços. Aflito, homem na água tenta imitar. Mas, dentro da água, o movimento sai outro. Amigo-professor desiste das instruções e sai a procurar cipó ou taquara pela mata. Então homem-aprendiz respira. Sem mais pressão do amigo por perto, se entrega pra água. Boia. Brinca. Sente seu corpo. Sente densidade da água. Mergulha, movimenta os braços e as pernas. Aos poucos vai saindo do lugar. Volta a superfície e vê que amigo ainda não voltou. Ainda há tempo. Tenta de novo. Dá uma braçada e outra. Começa a bater os pés. Primeiro rápido, depois devagar. Acerta o ponto, a força, a velocidade. Começa então a nadar. Às vezes engole água. Não há problemas. Segue nadando, cada vez melhor. Até que chega. Sobe à terra e encontra seu amigo-professor retornando. E lhe diz rindo: “toda educação [é] alguma coisa amorosa, mas também mortal” (GALLO, 2012, p.48). E pulam os dois novamente à água. Pegou gosto por nadar.

Quando por fim saem da água, me aproximo e ofereço uma toalha que tinha na mochila. Sentamo-nos a beira do açude e homem-que-já-sabia-nadar pede perdão ao amigo. Preocupara-se demais ao vê-lo na água. Não sabia que o outro era tão desentendido de nadar. “A verdadeira aprendizagem é um processo de descoberta, e, se quisermos que ela aconteça, devemos criar as condições típicas nas quais as descobertas acontecem. Sabemos quais são. Elas incluem tempo, lazer, liberdade e ausência de pressão” (HOLT, 2006, p. 119). É o oposto do que as escolas (de ensino formal, de natação ou de futebol) oferecem. A pressa e a pressão pra que se aprenda rápido, com eficiência, impede que se façam descobertas por conta própria. As crianças em Timbaúva não *tem que* aprender a fazer fogo.

Não seguem protocolo com passo-a-passo da fogueira. Nem da laranja. Homem-que-aprendeu-a-nadar só sorri. E diz: “Sendo o aprender um acontecimento, ele demanda presença, demanda que o aprendiz nele se coloque por inteiro. E exige relação como outro. Entrar em contato, em sintonia com os signos é relacionar-se, deixar-se afetar por eles, na mesma medida em que os afeta e produz outras afecções” (GALLO, 2012, p.6). Para aprender a nadar, não basta imitarmos os movimentos do professor. É preciso entrar na água, se misturar com ela, fluir com ela, virar água, amar água!

Homem-que-aprendeu-a-nadar agora tem nome para mim. Chama Sílvio Gallo e nos conta história enquanto dividimos algumas bergamotas assistindo ao pôr do sol no horizonte. Ele conta que outro amigo seu lhe contou que “nada aprendemos com aquele que nos diz faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem ‘faça comigo’” (DELEUZE apud GALLO, 2012, p. 5). Por isso, era inútil tentar imitar movimentos de braços e pernas. Aprendemos ao fazer junto com o outro. Resignificando as informações recebidas de acordo com nosso próprio corpo. “[...] aprender não implica em um movimento na ideia, mas sim em um movimento na sensibilidade, no corpo” (GALLO, 2012, p.7). E no aprendizado de uma técnica? Um exercício de repetição? Não estamos apenas imitando, fazendo *como* o mestre? Para aprender a modelar o barro é preciso entrar em contato profundo com o barro também. Não se repete o movimento do mestre, se entra em contato com as mensagens emitidas por ele e também pela matéria prima. É preciso entrar em contato profundo com a lenha e o fogo pra aprender sopro de fazer labareda na fogueira. Menino aprendeu a soprar ao sentir o sopro no cabelo. Sentir intensidade, tempo, som. Aprender é criar um jeito próprio de compreender o mundo. De estar e viver o mundo.

Penso também sobre o desejo de fazer fogo que move o aprendizado sobre o fogo. Desejo de comer laranja pra aprender a descascar laranja. Desejo de sair da água para aprender a nadar. Homem-que-já-sabia-nadar também se apresenta a mim. Chama John Holt. É professor. Fala-me que “o problema com qualquer tipo de motivação externa, seja ela negativa (ameaças, punições ou reprimendas), seja positiva (estrelas, comendas, diplomas, títulos acadêmicos, etc.) é que ela desloca ou sufoca a boa motivação, que é sempre interna” (HOLT, 2006, p. 160). Sobre os problemas do reforço negativo, muito se fala. Mas reforço positivo em excesso, como um cafezinho a cada duas horas, é viciante. Aprendiz perde a confiança própria. Precisa sempre de estímulo externo pra seguir

caminhando. Se adulto não legitima, a descoberta não tem gosto. Então aprendiz aprende que só precisa aprender pra agradar professor-pai-mãe (HOLT, 2006). A revelação me atinge em cheio. Quase me derruba na água também. É tanto precisar de aprovação do outro que ficamos dependentes de elogios. Menina descobriu nascente de água por que desejou descobrir de onde vinha a água. Pergunta veio lá do fundo, como inquietação da alma. E a recompensa por descobrir foi a própria alegria da descoberta. É isso que vi em Timbaúva essa tarde. Tempo de brincar livremente, sem tarefas e sem pressão. Tempo de desejar e se aventurar nas trilhas do aprender.

O sol se pôs e pintou o céu de um rosa-alaranjado único e belo. Era hora de seguir. Sílvia e John eram vizinhos de Timbaúva. Voltaríamos a nos encontrar.

Sobre meninos, meninas e lagostins

De chegada só vi adultos na cantina. Olhei em volta e nenhuma criança. O único sinal vinha de dentro da mata: fumaça. Estavam todos escondidos. Até que menino-sabiá apareceu e me guiou. O “acampamento das meninas” era aconchegante e caloroso! Uma fogueirinha de palha no centro, almofadas e colchas pelo chão ao redor. Quatro meninas dividiam um gibi da Mônica, deitadas juntinhas sobre a colcha no chão. Outra cuidava do fogo. Outra ainda buscava palha de Pinus pra alimenta-lo. Era silêncio e concentração. Arrisquei deitar junto. Fui acolhida. Pouco a pouco elas foram se achegando. Ali o tempo corria devagar. De começo ansiei por movimento, por não “perder tempo”. Me lembrei: que bobagem! Tempo de quê? Não preciso chegar em lugar algum, só preciso estar. Ansiedade era só minha. Respirei e calei. Deixei ser. Deixei-me ficar. Encarnei ali naquele presente. Li história de gibi pra elas, ganhei abraços e penteados no cabelo. Arrisquei primeiras fotografias. Elas gostaram. Fotografaram também.

Figura 9, 11, 12 e 13: Acampamento das meninas é aconchego



por Rafaela Delacroix

Conflito também tinha, é verdade. Mas se resolvia com poucas palavras, poucos olhares. “Não pode abafar!”. “Cuida do fogo!”. “Cuidado que essa fumaça é tóxica!!!”. “Socorro! Me ajuda! Prendi o pé!”. O acampamento das meninas era cuidado. Era tanto cuidado que no acampamento das meninas tinha também um menino. E tudo bem!

Quis ver os meninos também. Elas reclamaram. Havia uma competição no ar. Mas prometi que voltava. Elas me liberaram. O acampamento dos meninos era afastado, no outro lado da mata. Menino-sabiá me guiou de novo. De longe, a fumaça anunciava o movimento. O local era o lugar sagrado. Espaço amplo. Mata fechada. Frio e úmido. Ao invés de uma fogueira central, umas cinco espalhadas. Os meninos estavam divididos em clãs. E cada um tinha sua própria fogueira. “Essa eu acendi sem fósforo nenhum! Só com uma brasa!” me disse menino orgulhoso. Era fogueira no barranco. Fogueira ao lado do arroio. Fogueira em cima da rocha, lá em cima. E o fogo era de lenha.

“Vem ser do meu clã!”, menino me convidou. Eu fui. Mas o clã era só nosso. Menininho menor quis entrar também. “Não pode!”. “Mas eu quero...”. “Não pode!”. Fui desafiada. Desafiada a calar de novo. A não mediar conflito. Não moralizar. Desafiada novamente a deixar ser, respeitar o tempo. Respeitar o conflito como tempo de aprendizado. Calei. Depois que conflito minguou, não segurei. Menino chefe do clã argumentou que não queria os pequenos. E queria ser respeitado nesse não querer. Desafio pra mim. No outro dia fora assim também. Menino-sabiá queria seguir meninos grandes. Meninos grandes queriam ficar sós. Fazer coisas de meninos grandes. Sabiá os seguia de pés descalços, ágil como bicho na mata. Não ficava atrás em nada quanto aos meninos grandes. Mas era pequeno. Meninos grandes se irritaram disseram que sabiá era muito chato. Menino-sabiá se magoou. Parou de segui-los. Disse que nunca mais iria segui-los. Mas aí foi que, sendo respeitados nesse não querer, meninos grandes logo a frente se desculparam. Disseram que Sabiá não era chato. E que eles só queriam ficar um pouco sozinhos naquele momento.

Figura 14: um clã



por Rafaela Delacroix

Figura 15: outro clã



por Rafaela Delacroix

Se no acampamento das meninas, livros e cuidados, no dos meninos, facas e fogueiras. Primitivos. Dos primórdios. Além das fogueiras acessas com brasas, já tinham feito a caçada de dois lagostins. Pois caçaram e mataram! E Depois assaram na fogueira. E Comeram! Fiquei entusiasmada com tantas experimentações. Também quis saber de sabor de lagostim! “Que gosto tem?”. “É docinho!”. Fui junto na nova caçada. Menino me ensinou:

“tem que procurar debaixo das pedras!”. Procuramos e procuramos sob as pedras do arroiozinho. Mas nada de lagostim. Subimos mais. Chagamos perto da nascente. Nascente, nascente mesmo, não é. A água segue discreta mais acima. Mas é o último ponto de acesso. E foi descoberta como sendo nascente semanas atrás. Então é nascente! E eu fico com meu segredo de não ser nascente. Seguimos revirando pedras e fuçando nas pocinhas. Um deles diz que quer pra comer. O outro, que mora lá, não aceita. Quer pra criar num aquário. “Não é pra matar ele!”. O conflito fica suspenso pois a busca é intensa. Encontramos argila! Mas nada de lagostim. Começamos a constatar que não são muitos. Parecem até raros. Então que quase desistindo, menino levanta última pedra. “Uau!!!”. “Enorme!”. Um baita lagostim! Menino esse já tinha desenvolvido a técnica. Fora ele quem caçara os outros dois. “Pra pegar lagostim na mão tem que agarrar ele pelas costas assim, com uma folha, e cuidar pra ele não te pegar com as garras.” Mas bichinho é pacato e nem ataca.

Figura 16: Parastacus sp.: rabo de lagosta, garras de escorpião e antenas de borboleta.



por Rafaela Delacroix

Menino agarrou bem firme com a folha e descemos pro acampamento novamente. Outros meninos vieram, excitados com a caça. Um já trouxe faca. Mas ai surgiu professor e suspendeu o sacrifício. Chamou assembleia geral pra decidir no coletivo. Nisso chegaram as meninas. Grande roda se formou. Uns não quiseram vir, é verdade. Estavam ocupados demais com suas fogueiras. Foi então posta na roda a decisão sobre a vida do bichinho. “Qual a diferença entre um lagostim e uma vaca?”. Pergunta difícil. Não teve resposta. As

meninas foram as primeiras a interceder por ele. Aos poucos alguns meninos concordaram. “Não mata! Não mata! Não mata!”. Alguém disse que ele estava em extinção. (“Assim como o lobo guará!” lembrou outro). “Eu tenho pena”. “Estamos no Lugar Sagrado!”. “Já matamos dois e já provamos...”. “Mas eu não provei ainda!” contra-argumentou outro. Pra dois dos meninos grandes a frustração foi forte. “Mas eu tenho fome!”. Na cantina o lanche da tarde nos aguardava e a assembleia decidiu quase por unanimidade por devolver bichinho ainda vivo pra água.

Depois do lanche na cantina, professor chamou roda de encerramento. Roda se fez no acampamento das meninas. Recapitulamos os acontecimentos da tarde. Acampamentos, fogueiras, lagostins. Lagostins? Movimento se fez então pra refletir sobre os lagostins. A conversa se enrolou, a atenção dispersou. Conversa exige trazer sentimento pra palavra, transformar sentimento em ideia, em razão. Ao fim da tarde, todos já cansados de tanto sentimento, deixamos palavra pra depois. O aprendizado se faz também sem se tornar consciente, sem precisar ser explicitado.

Figura 17: aprendizado no escuro



por Rafaela Delacroix

Na rede (ou Perdendo tempo)

Cansada da tarde de aventura, me deito na rede a contemplar noite de outono. Agora, sem pensar mais em não perder tempo, encontro tempo de pensar. Pensar sem pressa. Sem objetivo. Lembrar da tarde. Lembrar do lagostim quase comido. Dos meninos e das meninas tão diferentes em sua constituição física-social-espiritual. Dos possíveis

aprendizados impossíveis de serem planejados. Dos aprendizados que nem “sabemos” que fizemos. Do que se diz sem dizer. Só com olhar, com esperar. Resolvo consultar um dos mestres do dizer nada e do brincar com palavra. Abro Livro das Ignorâncias do velho Manoel.

Você não é de bugre? – ele continuou.
 Que sim, eu respondi.
 Veja que bugre só pega por desvios, não anda em
 estradas –
 Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas
 e os ariticuns maduros.
 (BARROS, 1993, p. 89)

Aprendizado de bugre. Por desvios, por descaminhos, fora das estradas já abertas e muito pisadas. Aprender criando caminhos outros, com mais árvores e mais frutas. Aprender perdendo tempo, lendo gibi, descansando na mata. É assim que sem perceber somos agarrados pelas costas como lagostins na nascente. Aprender que nos pega de surpresa. É de susto que também me pega a presença de mais um na rede ao lado. Voava tão longe com o velho Manoel que nem percebera a chegada de Sílvio Gallo, aprendiz de natação. Como que estivesse escutando meu pensar ele me diz “Qualquer relação, com pessoas ou com coisas, possui o potencial de mobilizar em nós um aprendizado, ainda que ele seja obscuro, isso é, algo de que não temos consciência durante o processo” (GALLO, 2012, p.3). Aprendizados inconscientes pra quem ensina (professor, fogo ou árvore) e pra quem aprende. Silvinho me diz que foi amigo seu, Peregrino Deleuze, que disse: “por isso, quando pensamos que perdemos nosso tempo, seja por esnobismo, seja por dissipação amorosa, estamos muitas vezes trilhando um aprendizado obscuro, até a revelação final de uma verdade desse tempo que se perde”. (DELEUZE, 2003 apud GALLO, 2012, p.21). Aprendizados que só enxergamos depois que nos vemos soltos novamente ao chão. Ou que nem mesmo já ao chão conseguimos ver. Seguimos sem saber o que nos agarrou. Mas mesmo assim somos marcados pelo agarrado que não vimos.

Quando chove

Figura 18: plim pilm plim



por Rafaela Delacroix

Quando chove na Timbaúva os ânimos mudam. É tempo de contenção. De concentração. Espaço fica pequeno pra expansão. Quando a chuva amansa, a mata se faz abrigo, guarda-chuva. O fogo é desafio vital. Os acampamentos dessa vez eram próximos um ao outro. E mistos. Separava-os apenas um pequeno vale que um dia já deve ter sido caminho de água. Mas meninos grandes não quiseram se misturar aos pequenos. Fizeram acampamento próprio do outro lado do caminho. Lugar mais úmido, mais desprotegido, mais difícil de fazer fogo.

Entre os três acampamentos corria um *Hermes* levando recados, convites e provocações. Meninos grandes tentavam guerras entre acampamentos. Mandavam mensagens e xingavam as meninas. Pareciam até odiar as meninas! E riam! Como riam daquela brincadeira. Meninas se chateavam um pouco. Mas muito menos do que os meninos gostariam. “Diz pra eles que nós estamos na paz”. Meninas tem menos idade. E mais maturidade. Tentavam convites e tratados de paz. Mas meninos são grandes e bobos. E gostam de ser meninos grandes e bobos. Tentam até ser maus. Mas não são. Meninas desistem. “Não queremos brigas e não vamos mais falar com eles se eles não pararem”. E meninos não paravam. Meninas estavam ocupadas demais em cuidar do fogo, escalar

barranco e buscar lenha seca e folhas. Quando meninas pararam de responder, o inimigo foram os meninos pequenos. E menino mensageiro pra lá e pra cá a levar confusão. A tensão aumentou e meninos grandes invadiram o acampamento! Tentaram confusão e menino pequeno se protegeu atrás de mim. Virei escudo de guerra e defendi meu acampamento. Botei invasores pra correr. Menino atrás de mim agradeceu e seguiu brincando. Mas eles voltariam. Chuva viu tudo e resolveu engrossar. Dissipou a confusão. A única saída foi procurar abrigo nas construções humanas.

Figura 19: concentração!



por Rafaela Delacroix

Figura 20: repetição!



por Rafaela Delacroix

Meninos grandes mantiveram seu clã. Foram pra cantina jogar xadrez. Os outros dois acampamentos correram pro salão. Transformaram-se em orquestra. Tambor, flauta doce, reco-reco, meia-lua, agogô. Pandeiro, chocalho e xilofone. Educador agora era regente. E só regia com o olhar. Exercício de atenção, de olhar, de escuta. E de ritmo. No início era barulho. Confusão. Mas em cada rodada, maior a harmonização. Até que deixou de ser barulho e virou canção. Quando o grupo conseguiu tocar como um grupo, vieram os versos. E os olhinhos brilharam de satisfação!

De repente a chuva amansa. Na cantina o lanche é servido. As paredes não seguram mais ninguém. Com bolos nas mãos, a mata é ocupada novamente. As brasinhas espalhadas se amontoam sob às árvores e o fogo volta a queimar. Acampamentos, barrancos e trilhas ficam vivos mais uma vez. A chuva serenou a guerra também. A fronteira entre os acampamentos é liberada e o trânsito fica livre. Já não há mais clãs. Somente duas fogueira. Na brincadeira entre barrancos, árvores e fogueiras, um grilo é cassado. A jaula é um vidro com folhas dentro. Pergunto se não falta ar. Menino me responde faceiro que não. Ele

mesmo fez um buraco na tampa pro ar entrar! Quer o grilo como amigo. Promete um quarto quentinho e um lugar na cama. Vai ser um grilo de estimação. Peço pra ver. Menino pega na mão e grilo não foge. Parece gostar dele.

Figura 21: de estimação



por Rafaela Delacroix

Quando chove na mata, os bugios se encolhem, se escondem. É tempo de concentração. Mas concentração já há demais na vida das crianças. Salas fechadas, atividades orientadas. Timbaúva é espaço de expansão.

No vale dos cogumelos (ou Colhendo signos)

Fim da tarde a chuva cala e o sol grita seus últimos raios sobre a terra. Depois da ponte, há em Timbaúva um caminho de mistérios. De surpresas. Depois da chuva, sobre as raízes de pinheiros exóticos e árvores nativas, despertam seres da mata. Não são animais, nem plantas (e nem humanos...). São guarda-chuvas de formigas. O Vale dos Cogumelos desperta em vida depois da chuva. Levo comigo o Guia de Identificação “Fungos Macroscópicos Comuns no Rio Grande do Sul” (GUERRERO; HOMRICH, 1999): as chaves (dicotômicas) que traduzem cogumelos em nomes científicos.

Logo a frente, com uma cestinha de palha pendurada no braço, encontro o vizinho Sílvio mais uma vez. Falo-lhe de minhas inquietações sobre o aprender das crianças (e dos adultos). O que seria este processo? Memória? Conexões, redes, teias? O que faz as pessoas aprenderem afinal? Como saber se alguém aprendeu ou não o que foi ensinado? Como

ensinar? Eram muitas perguntas. Sílvia me conta então do que disse certa vez aquele amigo seu, Deleuze. “Nunca se sabe como uma pessoa aprende; mas, de qualquer forma que aprenda, é sempre por intermédio de signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos”. (DELEUZE, 2003, apud GALLO, 2012, p.4). Me conta também que ensinar vêm do latim, “*insignare*”. Colocar um signo. Colocar um signo para guiar o outro. Pois se ensinar é colocar signos, aprender é encontrar signos. “Deleuze tira o acento da emissão dos signos (o ensinar) para coloca-los no encontro com os signos (o aprender), não importa por quem ou pelo que eles tenham sido emitidos” (GALO, 2012, p.3). Isso me recorda dos três tipos de ensino: Formal (escolar), Informal (escola de futebol) e Não-formal (mãe, pai, avô...). Mas todos estes tratam do ensino: um que sabe (professor, monitor, mãe) guiando outro que não sabe (aprendiz). Agora percebo que nesta classificação não cabem todas as formas de aprender, pois ela trata é do ensinar. Acontece que nem tudo o que é deixado no caminho chega a ser encontrado. E muito do que encontramos pelo caminho, não foi deixado intencionalmente. Cada um faz seu encontro de forma única. Não há regra e por isso também não há controle. “Essa imprevisibilidade do aprender joga por terra toda a pretensão da pedagogia moderna em ser uma ciência, a possibilidade de planejar, controlar, medir os processos de aprendizagem” (GALLO, 2012, p. 4). Educação é mais arte do que ciência. Não existe método que produza resultados que possam ser replicados, é pura co-criação coletiva. Mas então não se planeja nada?

Seguimos em silêncio por um tempo. No caminho encontro uma população vistosa de cogumelos grandes, cor de palha e cheios de furinhos na base do chapéu. Passo na chave. Chego na espécie *Suillus granulatos*. “Corpos frutíferos com chapéu. Lado superior amarelo, viscoso, lado inferior com poros (tubos). Estípite (pé) robusto, sem véu parcial e sem anel. Fungo micorrízico com *Pinus*. Espécie comestível” (GUERRERO; HOMRICH, 1999, p. 42) É comestível! Coletos alguns e deposito na cestinha. Sílvia encontra mais a frente um tronco florescido de *Auricularia sp.* De cor amarronzada, se camuflam entre as folhas secas. Também são comestíveis. Tudo no mundo emite signos. Tudo no mundo tem potencial de nos ensinar. Uma pessoa, uma árvore, uma composteira, uma faca, uma fogueira. Eles ensinam sem saber. Por isso a necessidade de um ambiente de aprendizagem (de ciências naturais principalmente) ser rico em signos, em possibilidades de relações, em informações sensitivas e não um ambiente estéril, frio e silencioso como se pretende em uma sala de

aula. E quantos signos emitimos sem perceber. Sem intencionar que sejam geradores de aprendizados. É nas sutilezas também que se aprende, em falas que escapam, em tom de voz, em gesto, em expressão, é na forma de abrir diálogo (ou não) e é também no silenciar.

Ele segue me contando história. Diz que Deleuze propôs uma ênfase no aprender como *processo*, inquantificável, e não como *produto* (saber), colocando em foco quem desenvolve esse processo, quem aprende e não quem ensina. “E se o que importa é o processo, vale mais viver o acontecimento do que efetivamente aquilo que se adquire com essa passagem” (GALLO, 2012, p.5). Aprender é caminhar e não chegar. É descobrir sendas, abrir trilhas. Deleuze trouxe também a importância das dimensões espaço-temporais no aprendizado. Se aprender é encontrar e interpretar signos, é preciso estarmos sensíveis aos signos, senti-los! E para sentir é preciso estar presente para captar o momento (GALLO, 2012).

Pelo outro lado do vale, vemos chegar outro caminhante. Arranhando um portunhol, ele chega nos falando sobre a experiência que pode ser coletar cogumelos na mata. Ou não. Dependendo da forma como colocamo-nos. Como entregamo-nos.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência, dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p.24)

É outro vizinho de Timbaúva. Cria cogumelos no seu sítio. Fala-nos que experiência é rara hoje em dia. A velocidade, o excesso de informação e pré-julgamentos, nos fecham em nós mesmos. Impedem que deixemos os acontecimentos da vida nos tocarem, nos transformarem. A experiência, no fim das contas, é a relação entre conhecimento e vida humana (LARROSA, 2002). E o saber que se cria com a experiência vivida é nada mais do que “o modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 27). Por ser assim, o saber da experiência é um saber único, particular, criado na intimidade de cada um que experencia. Pois então aprender é uma experiência! Só aprendemos quando somos tocados, transformados por algo ou alguém. Quando nos entregamos e assim

podemos encontrar os signos emitidos. Traduzimos os signos-cogumelos de acordo com nossa própria singularidade. Atribuímos sentido ao encontrado, ao experienciado, ao vivido. Aprender vivo. Saber vivo. Mas então para aprender temos que experienciar tudo? Sim. “[...]ninguém pode aprender da experiência do outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria” (LARROSA, 2002, p.27). Lembro-me da pedagogia Waldorf. A palavra viva do professor tem potencial de agarrar os alunos por inteiro, tocá-los profundamente. Desencadear em cada um uma experiência diferente.

Jorge-criador-de-cogumelos diz que “a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo.” (LARROSA, 2002, p. 25). Me recordo de Sílvio aprendendo a nadar e dizendo que “toda aprendizagem [é] uma coisa amorosa mas também mortal”. Quem vive Timbaúva corre perigo, se expõe, se entrega. Se aventura na mata, se aventura no viver coletivo. Timbaúva, que é espaço de integração, é também espaço de *intregação*. Há muita entrega no viver de Timbaúva. Jorge segue seu caminho sem nem se despedir. Assim como chegou, foi.

Com a cestinha já cheia, deixamos o Vale do Cogumelos para trás. A mesma trilha e os mesmos acontecimentos. Cada qual com suas experiências próprias. Mas sigo também com uma pulga atrás da orelha sobre tudo isso que foi dito e não dito. Se não há como planejar o aprender do outro, não há necessidade então de planejamento de ensino? Sílvio me responde. E vai embora.

Ensinar consiste em emitir signos, sem que tenhamos controle em relação ao que será feito com eles, por aqueles que os encontrarem. Isso não significa que não devamos emitir signos, mas sim que precisamos nos desapegar deles, precisamos abdicar de nossa vontade de controlar o aprendizado de cada um de nossos alunos, apesar de todas as boas intenções que possamos ter com isso. Precisamos ter a coragem de ensinar como quem lança sementes ao vento, com a esperança dos encontros que possam produzir, das diferenças que possam fazer vingar, nos encantando com as múltiplas criações que podem ser produzidas a partir delas, não desejando que todos façam da mesma maneira, sejam da mesma maneira. (GALLO, 2012, p.9)

Não poder planejar o aprendizado do outro, que é único em cada um, não significa não poder planejar a emissão dos signos. Ter clareza de nossa intenção, do propósito que temos ao estar ali com aquelas pessoas é importante para orientar nossa ação, mesmo que isso não represente o que se dará com cada um. Antes de sumir na trilha que sai de

Timbaúva, ele ainda grita: “O desapego que precisamos exercitar como professores é a preparação para nosso desaparecimento [...]” (GALLO, 2012, p.9). Assim como o bom médico que objetiva não ter mais o paciente no consultório.

Tardes no ringue

O início da tarde é sempre sereno. Almoço em famílias na cantina, crianças brincando, mães conversando, cafezinho. É o ritual da quinta-feira. É o ritmo e a repetição. Às vezes algum pai também aparece. É a variação do ritmo. Aos poucos outras crianças vão chegando e mães vão saindo. É momento de máxima dispersão. Até que alguém acende a primeira fogueira. Agrega um pequeno clã. E Começa o movimento de concentração. Concentração com direito a dispersão livre em qualquer momento. Ninguém é preso a nada. Não há tarefas a cumprir. A concentração é espontânea. Esse é o ritmo inicial. Mais tarde vem trilha, caminhada, desafio. Depois o lanche. E talvez algum fechamento. Ou uma nova dispersão.

Mas essa tarde foi diferente. Fogo manifestou-se no corpo e não só na fogueira. As batalhas entre os clãs dos acampamentos foram abafadas nos últimos encontros. Conflito ficou latente. Precisava sair. Antes de explodir. Timbaúva fez-se ringue. Saiu luta corporal. As regras eram simples. Soco e chute, não podia. Apertar o pescoço também não. Nem dedo no olho, nem em lugar nenhum. Morder e puxar cabelo, nem pensar. Cócegas só em último caso, era golpe baixo. Ganhava quem mantivesse o adversário imobilizado no chão por 5 segundos. As duplas eram mais ou menos parselhas: idade, peso e força. Em volta espectadores: crianças e educadores. No meio da roda um embolotado humano rolando pelo chão. Quando um rosto aparecia, a expressão era de profunda concentração. E um sorriso. Um prazer naquele jogo de corpos. “Isso aí é amor, não é luta!” gritou uma menina. Mas a disputa estava acirrada. Os dois eram muito ágeis. Menino caiu. Quando parecia tudo perdido, se levantou erguendo o outro nas costas. Os espectadores vibraram! Era uma luta sem fim. Educador então chamou intervalo. Tempo pra descansarem, tomarem água. Meninos se levantaram e saíram caminhado lado a lado. Rindo. Extasiados.

Figuras 22 e 23: jogo de corpo



por Rafaela Delacroix

Meninos maiores se desafiaram também. Os amigos faziam as apresentações de cada um antes da luta. “Qual a tua habilidade?” “Ele solta pum!”. A luta começou. São menos flexíveis eles. O corpo mais alongado e rígido não os deixa rolar como os pequenos. Os golpes são mais elaborados. Mas também se agarram, puxam e sobem em cima para imobilizar. Nenhuma conotação sexual. Nenhuma palavra. Nem dos espectadores. Os corpos eram livres nos movimentos. Sem travas, sem pudores. Menino de repente deu golpe final. Passou a rasteira. Outro caiu e estatelou-se no chão. Menino caiu por cima, a imobiliza-lo. 1,2,3,4,5! Viva! Menino derrotado segurou no osso. Não reclamou. Nem um pouquinho. Nem fez cara feia. Levantou-se e saíram rindo lado a lado. “Bah! Tu foi bom hein!”. Não havia mágoa. Era um jogo entre grandes amigos. Outra dupla. No meio da confusão uma dica de um amigo: “Faz assim ó!!!”. “Mas assim eu vou machucar ele! Não é pra machucar de verdade!”. Depois foi menina contra menino. “Atenção! Lembra: ela é uma menina! Não esquece disso!”. “Atenção! Lembra: ele é um menino! Não esquece disso!”. E menina é ágil e

Figura 24: dança!



por Rafaela Delacroix

forte e logo imobilizou menino no chão.

Mas luta só de menina é diferente. São cordiais. Não querem se machucar. “Hei! Tu deixou ela levantar, não vale!” reclamou um da plateia. “É. Ela me pediu por favor e eu deixei.” As meninas não se agarram. Fazem investidas pontuais de rasteiras e puxões na perna. Tem o corpo mais rígido. Parecem conhecer menos suas possibilidades de movimentos. Marca social explícita. Meninas devem ser comportadas. Meninos brincam de *lutinha* desde sempre. Aprendem a movimentar o corpo. Meninas são contidas no movimento. Sentam de pernas fechadas. Luta de meninas termina sem ganhador também. Educador chama intervalo. Todos que lutaram, estão cansados e extasiados. A tensão dos últimos dias teve enfim espaço e tempo pra se manifestar. Não foi menino grande contra pequeno. Mas não importa. Foi liberação de energia contida. Foi exercício de corpo e alma, diriam talvez os antroposóficos. Foi persistência. Foi coragem. Foi vontade. Foi flexibilidade e resistência. E foi também amor e cuidado ao mesmo tempo.

Figura 25: peregrinos



por Rafaela Delacroix

O dia de sol convidava pra trilha. “Vamos ao topo do morro!”. Na subida, menino encontra borboleta no caminho. Quer levar pra casa. Depois do grilo de estimação é a vez da borboleta. Promete folhas e flores além da cama quentinha. Menino ama a borboleta. Leva ela como tesouro nas mãos. A subida é por estrada de asfalto. Íngreme. Segue o aprendizado sobre o corpo humano. Se subimos de costas, o esforço é bem menor! Quem sobe tagarelando cansa mais. Meninos grandes vão à frente. Corpo atlético! Pernas longas. Disposição física em sua máxima expressão. Nós vamos atrás, quase de arrasto, acompanhados dos menores. Mas o trajeto é

curto. Logo chegamos na entrada. Fim do asfalto.

Pegamos um trecho de campo e logo chegamos à Antena! Antena não sei de que. Talvez celular. Mas é um dos picos do morro. A vista é linda. Veem-se estradas, casas e roçados. Ao fundo o Guaíba. O centro da cidade dali nem se enxerga. Passamos por uma

população de *Eryngium sp.* no caminho. Colhi uma folha e mastiguei a base. Convidei os que estavam próximos à experimentar. É parente da cenoura! “Eu quero!” “Eu também!” “Pega pra mim?!” “Tem muito espinho!”. *Eryngium* é PANC! É Planta Alimentícia Não Convencional! A novidade é até mais gostosa que o sabor da folha.

Figura 26: *Eryngium sp.*



por Rafaela Delacroix

Figura 27: Alturas



por Rafaela Delacroix

Pouco abaixo da antena, longo afloramento de granito se faz tapete pro descanso da subida. Entramos junho. Mês de festas. Santo Antônio, São João e São Pedro. São Pedro? Descubro que São Pedro chamava Simão. E era pescador. Será que era cientista também? O sol aquece a tarde fria. Casacos e sapatos saem do corpo. Educador conta história bíblica de

Figura 28: Pedro é pedra!



por Rafaela Delacroix

São Pedro. São Pedro era pedra, sólido, firme. Como aquele morro. Morro São Pedro. Cheio de pedras. História bíblica vira história geológica. Ali, bem ali onde estávamos, já foi mar. E já foi deserto também. E já foi montanha alta. “E como que diminuiu?” perguntou menina. Como uma montanha diminui, vira morro? Adulto devolveu a pergunta. Menino respondeu: “com a chuva!”. “Com o vento!”. “Vira areia e vai parar lá embaixo ó”. Uau! Vira areia! E depois? O que vai acontecer? Marcamos um encontro pra daqui a 10 mil anos. No mesmo lugar. “Mas e se eu for um pássaro?”. “E se eu for um lobo?”. Venham igual! Não esqueçam!

A descida do Morro foi pela mata. Desci pensando nas representações simbólicas da mata, das pedras, do morro. Pensei na história bíblica e nas outras histórias possíveis sobre as pedras. Para os Mbya Guaranis, vizinhos do outro lado do morro, as pedras tem espírito e tem cacique. Para as religiões de matriz afro, é Xangô. Há que se pedir licença ao cruzar por muitas pedras. É a representação do respeito pela natureza. Por algo que é maior que o humano. Muito mais antigo. A Pedagogia Waldorf faz uso de analogias à temperamentos humanos também. Os quatro elementos. Fogo, terra, água e ar. Mas as referências são europeias. Histórias, fábulas, contos de fadas, mitologia. Mas Brasil não é Europa. Não é só cristão. É muito mais colorido. Muito mais diverso. Não tem urso nem esquilo que come noz. Mas tem onça, puma e jaguatirica. Tem boto que vira homem e saci que engana caçador. Tem lenda indígena e africana também.

Crianças desciam trilha tagarelando. Paramos perto de água correndo. Era preciso silêncio pra escutar a mata. Pra respeitar a mata. Chamei meninos de quero-quero, gritando sem parar. Educador chamou de outro bicho. Meninos pararam. Custaram a entender. Baixaram o volume da voz. Seguimos pela trilha, a fome nos chamando a voltar. Menina encontrou passarinho morto. Pegou na mão. Abriu asa, viu penas. Fez carinho. Sentiu pena do bichinho. Depois soltou na terra novamente. Voltamos a Timbaúva. E foi lanche e dispersão. Dias de sol são mais alegres.

NOITE NO VERDE (OU DEVANEIOS AO FOGO)

É minha última noite em Timbaúva. É festa noturna. É acampamento na floresta. Tem fogueira e sopa. O céu preparado pra chover aos poucos se rasga, abrindo frestas e buracos por onde se veem estrelas. Cruzeiro do Sul aparece por inteiro. Nos orienta na noite escura. É quase solstício. É quase meia noite. Escorpião é ligeiro e faz uma rápida parição. Quase no meio do céu. A noite que prometia frio, esquenta.

O fogo reúne amigos grandes e pequenos. Cachorros, piadas, lendas e estórias. Ouço história de parto de bugio na goiabeira de Timbaúva. Com presença de doula e tudo. Conto lenda de curumin que subiu no coqueiro jerivá pra escapar da grande enchente. Ficou tanto tempo lá em cima que cresceu a barba. E de tanto comer coquinho, ficou todo laranja. Curumin esse quando desceu da árvore, já não era mais curumin. Tinha virado bugio. O fogo dá risada e faz labareda crescer. Penso na Pedagogia Waldorf que se propõe a contar histórias todos os dias aos alunos. Histórias de contos de fadas e mitologias. Quem sabe uma pedagogia que conte lendas indígenas? Lendas africanas? Lendas gaúchas. Essa mistura de culturas que criou a cultura gaúcha. Não como uma aparição esporádica, um estudo de caso. Mas como parte do dia-a-dia, dos aprendizados obscuros, inconscientes. Dos aprendizados de ética e estética que se fazem por desvios, por tangentes. Talvez uma pedagogia naturalista. Que tenha tempo, aprecie, escute, observe, descreva, desenhe, poetize sobre o mundo. Desbrave o mundo com o corpo. Que prove fruta. Que respire sem pressa. Comendo um pinhão sapecado na brasa, John Holt diz que bons professores são como os grandes naturalistas. Possuem a “capacidade de observar de modo concentrado e minucioso, com grande atenção para o detalhe” (HOLT, 2006, p. 152). E possuem também a habilidade de descrever detalhadamente o que viram e viveram (HOLT, 2006). Tiro da mochila a “*bíblia*” de um naturalista que descreveu lindamente o Rio Grande do Sul. Ele fala também sobre o bugio:

Cada movimento do bugio traz grande segurança e certa dignidade. Por meio das mãos, parecidas com a mão humana, segura-se nos galhos, levantando o peso do corpo com os músculos vigorosos dos braços. Os pés, cujo dedo polegar pode ser oposto aos demais como o polegar da mão, desempenham um papel importante, segurando e sustentando o corpo em cada nova posição alcançada. (RAMBO, 2005, p. 282).

É pura poesia! É encantamento com o mundo! E sem pressa seguimos nós no entorno da grande fogueira. Um a um, os pequenos vão se entregando. Adormecem nos colos, nos bancos, nas barracas. Nós permanecemos ali, imóveis. Criando raízes. A fumaça sobe por entre as árvores e nos leva a viajar acima das nuvens. Na escuridão da noite sem lua, pouco se enxerga além das luzes distantes da cidade. Mas muito se escuta. E muito se fantasia. Sigo pensando em Pedagogia Waldorf. Criada há quase um século. Na Europa. Em Guerra. Steiner morreu cedo. Escreveu poucos livros. Realizou muitas palestras. Lançou sementes e partiu. Da palavra dita, muitos livros foram escritos. Em cada escrita um olhar, uma interpretação. Como seria Escola Waldorf *de* Steiner hoje? No Brasil, no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre? Cada escola é uma criação única, uma interpretação, um grupo de professores com suas distintas biografias. Como saber de escola Waldorf daqui, lendo livro escrito por interprete de lá? Escola daqui permanece mistério enquanto não for experienciada. É uma outra senda a conhecer.

E será mesmo antropocêntrica? A prosa esquenta. Na roda há vizinhos, mães, pais, educadores e antropósofos. Escuto que Antroposofia concebe a existência de quatro reinos: Mineral, Vegetal, Animal e Humano. Ser humano não é ser animal. Pergunto a um dos meninos grandes qual a diferença entre o ser humano e o animal. Ele me responde sem precisar pensar. “Um animal cava um buraco com as patas. O ser humano cava com uma pá ou com a mão”. E mão não é pata, ué? “É. Mas o animal é muito mais eficiente que o ser humano. Um castor por exemplo.” E vai-se embora. Aquela pergunta não o perturba nenhum pouco. Não faz sentido ficar discutindo isso. Não é buraco pra ele ainda. Mas eu fico enosada com a resposta simples do menino. Experimento outros encontros. Descubro que Antroposofia concebe animais como especialistas. E seres humanos, como generalistas. E as mãos, como os tesouros. E não a razão. Silenciamos para escutar a noite. Escutar o fogo.

Ser um reino a parte ou ser parte de um reino. Talvez não faça tanta diferença assim. Tudo não passa de pensamento humano. Ao nos reconhecermos como seres humanos, integrantes da teia da vida, assumimos também que tudo o que sabemos é criação nossa. É baseado em nossa perspectiva humana e em nossos paradigmas. Não há como saber pelo bugio, pela vespa ou pela figueira. Pensam elas serem especiais no mundo? Sentem-se pertencentes a um grupo só delas? Talvez sim. Do jeito delas. Não há como escapar. É outro mistério profundo. Somos mais um na dança da vida, em meio a tantos

outros. Mas de fato, só podemos ver sob nossa posição na dança. Se olhamos em volta, e enxergamos esses tantos outros, estamos nós no centro de nós mesmos. Coruja grita ao longe na noite misteriosa. E um urutau declama com ar de deboche:

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
 A de serem verdes e copadas e de terem ramos
 E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
 A nós, que não sabemos dar por elas.
 (PESSOA, 1997, p. 92)

No outro lado da fogueira, uma voz conhecida se anuncia. O sotaque “gringo” denuncia. É meu companheiro de peregrinação do Morro Santana. E ele diz:

Em última análise, a percepção da ecologia profunda é a percepção espiritual ou religiosa. Quando a concepção de espírito humano é entendida como o modo de consciência no qual o indivíduo tem uma sensação de pertinência, de conexidade, com o cosmos como um todo, torna-se claro que a percepção ecológica é espiritual na sua essência mais profunda. (CAPRA, 2002, p.26)

A fogueira ganha mais lenha. Fogo cresce no centro da roda. Alumia todos os ali presentes. Silêncio se espalha. Na mata, há festa de grilos. Tocam uma sinfonia complexa e sem fim. É o mantra da mata! A compreensão íntima da ecologia profunda muda radicalmente o paradigma de um mundo feito de isolamentos e competições, onde ações em defesa da vida são concebidos como “caridade” e “doação”, para um mundo integrado e cooperativo, onde respeitar e cuidar o outro é pura responsabilidade ao que é meu, pois eu sou o outro também. O mundo também sou eu. Nosso corpo não é um sistema fechado. Interagimos constantemente com todos os outros seres e elementos do planeta. Produzimos o ambiente assim como somos produzidos por ele. O sentimento de pertencimento e conexão com tudo o que existe traz inexoravelmente uma transformação ética. Uma ética espiritual.

Os meninos grandes chegam da cantina cansados. É hora de embarcarmos também no universo dos sonhos. Ficaremos sós, zelando e devaneando ao fogo. Mas a chegada deles traz com leveza meus pés a tocarem o chão novamente. Estas diferentes concepções de

humano e de dança da vida colorem de muitas ou poucas cores nossas intenções como educadores-professores-pais-mães-cuidadores-jardineiros. Fritjof diz que a percepção da ecologia profunda nasce da “[...] experiência profunda, ecológica ou espiritual de que a natureza e o eu são um só”. (CAPRA, 2002, p.28 e 29). A ecologia profunda é, portanto, um saber da experiência. Um saber que é individual, próprio. Que não pode ser planejado nem repetido. Que surge da experiência profunda, com entrega, com tempo, com todo o corpo e não apenas com a razão. Não há como ensinar ecologia profunda.

Ele segue: “o vínculo entre uma percepção ecológica do mundo e o comportamento correspondente não é uma conexão lógica, mas psicológica” (CAPRA, 2002, p.29). É através da vivência ecológica/espiritual que se possibilita a expansão do eu para o todo do planeta fazendo com que o comportamento ecológico flua de dentro e não como uma obrigação moral. “Ensinar”, emitir signos a respeito da importância do cuidado com a terra, de não poluir a água e “proteger” os animais é simples no campo da lógica. Temos já uma boa argumentação em torno disso. E não é surpresa que, na maioria das vezes, a compreensão não se transforme em ação. O verbo convence a cabeça, não o coração. Não se trata de saber, mas de sentir.

E como propiciar esse sentir? Que vivências são potentes à experiência ecológica profunda, ao desenvolvimento do “eu ecológico”? O *como* é em sua essência sempre misterioso, indefinível, múltiplo. É uma acontecimento diferente com cada um. Não há como planejar a experiência de todos. Nem como verificar, provar e controlar quem experienciou ou não. Com alguns talvez até o simples relato vivo de uma experiência pessoal de outra pessoa, possa ser revivido, transformador. Para outros não. Tenho certeza de que a floresta é muito potente. Nela nos vemos pequenos. Envoltos em sons e perfumes. A experiência com terra, água, fogo e ar também. Movimenta sentires. Emoções. Experiências ancestrais.

A noite segue com a sinfonia dos grilos e aos poucos os adultos também vão sendo chamados ao mundo dos sonhos. Fico eu a alimentar o fogo na roda, buscando costurar de todos os lados tanta coisa vivida e aprendida. Mas há buracos que não fecham. O das diferentes concepções de homem e animal já desisti tapar e fiz borda de crochê pra adornar. Ficou um buraco bonito, misterioso. Mas além desse, há outros. Antroposofia fala em dimensão espiritual do ser humano. É o Eu de cada um. Aquilo que nos torna diferente dos animais. E diferente de cada um dos outros humanos também. No Eu, professor não deve

mexer. É coisa própria, pessoal. O objetivo da educação é justamente que o Eu de cada um possa se expressar com liberdade. Seria a expressão desse Eu, justamente o que me mobilizou a vir conhecer Timbaúva? A “falta de tempo” nas escolas, o excesso de saberes que *devem* ser ensinados, mesmo que não sejam aprendidos, o grande número de alunos. Pouca escuta e muita fala. Motivação externa. Seria o abafamento desse Eu pelo ensino que bloqueou meus caminhos anteriores?

Fico a devanear sobre isso pensando estar sozinha ao fogo, quando percebo a chegada de meu amigo ornitorrinco, homem e bicho. Como se já estivesse à espreita desde antes, ele me conta que Nietzsche certa vez lhe falou: “A própria vida é vontade de potência” (NIETZSCHE, 1988, *apud* COSTA, 2011). Potência? É. Potência. “A potência da vida estaria ligada ao exercício do corpo, à experiência do corpo naquilo que ele efetivamente pode (e quer), ou seja, na liberdade para exercer sua força” (COSTA, 2011, p.37). Essa potência de vida de Nietzsche me soa semelhante ao Eu de Steiner. Ele segue, na sua língua de ornitorrinco: “Nietzsche nos ajuda a pensar a educação como experiência de potência, tanto no reconhecimento como no seu exercício” (COSTA, 2011, p. 31). Ornitorrinco rói minha costura, faz outro buraco e vai embora. Fico só, em conversa com o fogo.

Educação é experiência de potência, é expressão do Eu de cada um, único e exclusivo. Mas é também desejo de professor que escolhe temas e abordagens, propõe vivências e elege importâncias. Pode ser fazer uma trilha, acender o fogo ou ficar em silêncio a escutar o mantra da mata. Intencionar a vivência ecológica profunda, emitir signos que possam agarrar os aprendizes pelas costas e promover pequenas revoluções internas se forem encontrados. Assim como é impossível me negar parte da pesquisa, é impossível me negar como professora/pessoa no mundo com as crianças/alunos. É um respeitar o Eu, a potência, a individualidade, de cada um, inclusive o meu em dança e jogo com eles. Por mais que costure, borde e remende, há sempre buracos, fios soltos, descosturas.

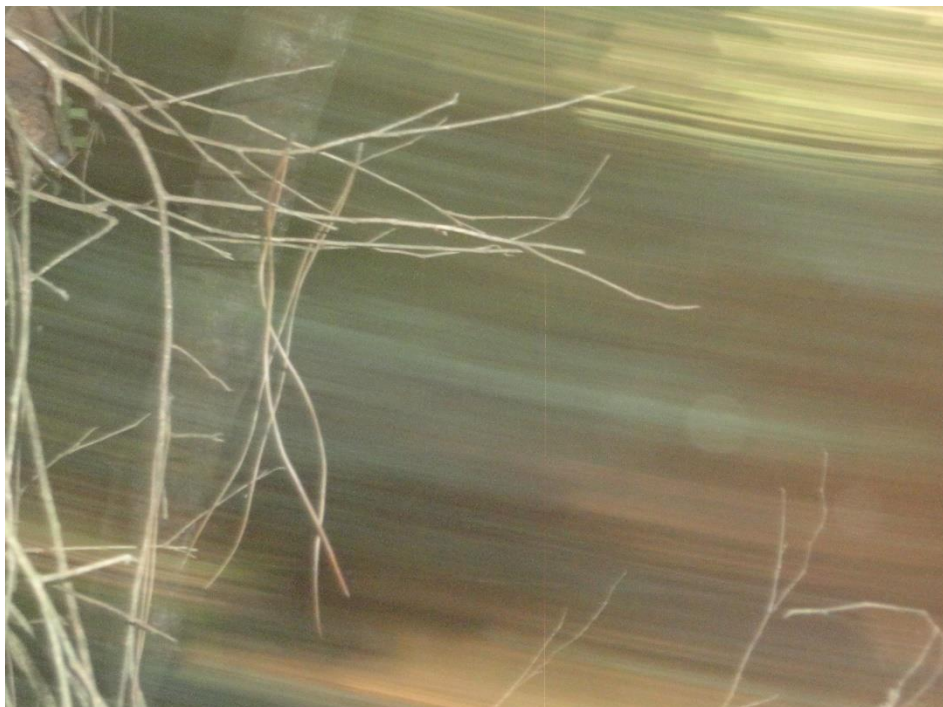
Fogo me fala sobre tradição oral e transformação. Sobre o sempre subir e dissipar das ideias. Penso nas tardes vividas, em quem era e quem sou. Viver Timbaúva foi sem dúvida uma gigante experiência. Disfarçada de pesquisadora me entreguei às aventuras. Aprendi a fazer fogo, corri na mata, escutei os grilos, banhei na cachoeira. Tomei banho de sol e de chuva. Proseei com crianças adultos e bugios. Timbaúva revirou minhas ideias. Desafiou-me a calar e confiar. Transbordou-me alegria e abriu buracos em minhas certezas

de mundo coeso e natural. De homem bicho. Timbaúva me encheu de dúvidas. Me criou problema. Me desacomodou.

MOVIMENTO

Me despeço de Timbaúva com alegria e gratidão. Com olhar de menino surpreso ao ouvir que não volto na próxima terça. É desejo de ficar e necessidade de partir. Sigo caminhando extasiada e agradecida. Como mar em ressaca, fervilhando em noite de lua cheia. É tanto a pensar, sentir e querer dizer que não cabe em palavra escrita. Medo (“nosso pai e nosso companheiro”) de eternizar gerúndios, processos, sentimentos, caminhadas. Medo de congelar o rio que flui e ali na frente já é outro. Como o ensino em épocas de Steiner, que pede travesseiro, preciso esquecer tudo para poder compreender melhor depois, pra poder falar sobre. Para tentar trazer à palavra consciente, aprendizados inconscientes. Quando terminar esta escrita, possivelmente já serei outra, pensando ser outra a Timbaúva também. Pois que fique registrado esta monografia como uma fotografia em movimento, desfocada. Imagem impossível de ser repetida. Pesquisa imprópria para réplicas.

Figura: shhhhhhhh



por Rafaela Delacroix

REFERÊNCIAS

ALVES, Ruben. **Entre a ciência e a sapiência**. 9ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

ATLAS AMBIENTAL DE PORTO ALEGRE. Rualdo Menegat; Maria Luiza Porto; Clóvis Carlos Carraro & Luís Alberto Dávila Fernandes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

BACKES, P.; IRGANG, B. **Árvores do Sul: guia de identificação e interesse ecológico**. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2009.

BARROS, Manoel. **Livro das ignoranças**. 1ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

_____. **Livro sobre nada**. São Paulo: LeYa, 2013.

CAPRA, Fritjof. *Ecologia Profunda: um novo paradigma*. In: CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos**. 7. ed. São Paulo: Pensamento-cultrix, 2002. Cap. 1. p. 23-29.

CARLGREN, F; KLINGBORG, A. **Educação para a liberdade: a pedagogia de Rudolf Steiner**. 9ª ed. São Paulo: Escola Waldorf Rudolf Steiner, 2005.

COSTA, Luciano da. **Com olhos de suspeita: Nietzsche e o estatuto da experiência em educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, nº2, p.28-41, jul/dez, 2011.

GALLO, Sílvio. **As múltiplas dimensões do aprender**. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA: APRENDIZAGEM E CURRÍCULO, Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

GUARANY, Noel. Eu e o rio. In: NOEL GUARANY. **Canto da fronteira**. São Paulo: RGE-Fermata, p1977. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 3.

GUERRERO, R; HOMRICH, M. **Fungos macroscópicos comuns no Rio Grande do Sul: guia para identificação**. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

HOLT, John. **Aprendendo o tempo todo: como as crianças aprendem sem ser ensinadas**. Campinas: Verus Editora, 2006.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, nº 19 (Jan/Fev/Mar/Abr), 2002. p. 20-28.

LIEVEGOED, Bernard. **Desvendando o crescimento: as fases evolutivas da infância e da adolescência.** 4ª ed. São Paulo: Antroposófica, 2007.

PESSOA, Fernando. **O guardador de rebanhos e outros poemas.** 13ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

RAMBO, Balduino. **A fisionomia do Rio Grande do Sul:ensaio de monografia natural.** 3ª ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2005.

ANEXO

Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido. OBS: o trabalho teve seu nome modificado posteriormente.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: "Aprendizado indisciplinado"

Pesquisadores responsáveis: Rafaela Delacroix e Luciano Bedin

Eu, Rafaela Delacroix, sou estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e estou realizando uma pesquisa no Espaço Timbaúva para meu Trabalho de Conclusão de Curso. Nesta pesquisa procuro pelos aprendizados feitos pelos alunos fora da sala de aula, em meio a mata nativa. Para isto, participarei de alguns encontros da Timbaúva, fazendo registros fotográficos e de áudio e conversando com os alunos ao longo da tarde.

Para tanto, venho solicitar autorização para que seu/sua filho(a) participe desta pesquisa. As identidades das crianças serão mantidas em sigilo, inclusive na publicação do trabalho, em conformidade com os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho. Se, a qualquer momento, tiveres alguma dúvida, podes me contatar pelo fone 9914 8514 ou pelo e-mail fa_delacroix@yahoo.com.br

Tendo em vista o proposto acima, eu _____, de forma livre e esclarecida, autorizo meu/minha filho(a) a participar desta pesquisa.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2015.

Assinatura do(a) responsável